

Força que vem de Deus
Meditações para o
Nosso Tempo
Vindas de
Esdra, Neemias e Ester

John Gifford Bellett

Força que Vem de Deus
Meditações para o Nosso Tempo,
Vindas de Esdras, Neemias e Ester

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:

Strength From God: Meditations for Our Time From Ezra, Nehemiah and Esther
– J. G. Bellett

Primeira edição em português – fevereiro de 2026

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101
Estados Unidos da América

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ACF, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Força que Vem de Deus

Meditações para o Nosso Tempo, Vindas de Esdras, Neemias e Ester

J. G. Bellett

O Cativo de Judá na Babilônia - Esdras

O cativo babilônico, considerado como uma era no progresso das dispensações divinas, foi de suma importância e significado. Podemos considerá-lo como uma etapa fundamental em nossa jornada pelo caminho de luz e sabedoria traçado na Escritura para os homens de Deus trilharem e permanecerem ali por um instante, contemplando o que nos rodeia.

Podemos falar disso, de modo geral, como o grande julgamento final sobre o povo de Israel nos tempos do Velho Testamento; mas foi precedido por uma longa série de outros julgamentos de caráter inferior ou menos importantes. E é bom descrevê-los brevemente, para que sejamos tocados e humilhados diante de tal visão que eles nos proporcionam da incompetência e infidelidade do homem sob todas as condições de despenseiro e de responsabilidade.

A humilhação de Deus ao Seu povo

Esses julgamentos começaram, posso dizer, com o retiro de Moisés por quarenta anos na terra de Midiã. Israel, então no Egito, perdeu seu libertador, porque não sabiam que, por meio dele, Deus os redimiria, como lemos em Atos 7:25.

Depois de saírem do Egito e peregrinarem pelo deserto a caminho de Canaã, foram condenados ou sentenciados a vagar

por lá por mais quarenta anos, porque não acataram o relatório dos espias e, ao contrário, desprezaram a Terra Prometida.

Quando chegaram a Canaã e se estabeleceram como nação, foram castigados repetidamente por seus vizinhos por causa de sua iniquidade, mas, por fim, foram julgados de forma mais severa ao serem colocados sob a tirania do rei Saul (veja Oséias 13:11).

Humilhação no reino

Com o passar do tempo, eles floresceram até se tornarem um reino: Deus lhes deu o melhor do Seu povo, o homem segundo o Seu próprio coração, para reinar sobre eles. Este foi um dos dons de Deus; Saul havia sido um dos Seus julgamentos. Os reinados de Davi e Salomão foram a manifestação de força e honra em Israel. Mas, tendo a casa de Davi se tornado perversa, o juízo a visita por meio da revolta das dez tribos.

Assim foi erguido o reino das dez tribos, como um juízo sobre a casa de Davi, tal como o reino de Saul fora anteriormente erguido em juízo sobre a nação de Israel. Mas, tendo o reino das dez tribos se provado perverso naquele dia, o juízo os visitou, levando Israel cativo por meio do rei da Assíria.

A casa de Davi, durante esse tempo, foi suportada com longanimidade. Como algo desmantelado, tendo apenas duas tribos em vez de doze como sua herança, ainda assim provocava a ira do Senhor; e então o juízo visitou Judá pelas mãos dos caldeus, assim como antes o juízo havia visitado Israel pelas mãos dos assírios. Judá era um cativo na Babilônia. Assim, como eu disse, este foi o grande julgamento final sobre o povo de Deus durante os tempos do Velho Testamento. O Senhor Deus de Israel havia ligado Seu Nome e Sua glória à casa de Davi e à cidade de Jerusalém; e quando essa casa caiu e essa cidade foi saqueada, o julgamento, naquela medida e naquele tempo, completou sua obra.

A glória partiu

De agora em diante, nosso assunto será com os cativos de Judá e da Babilônia: Israel, na Assíria, está fora de vista. Eles não são mantidos em cena pelo Espírito de Deus. São chamados de **“a rebelde Israel”**, como um povo cuja distinção, por ora, está perdida e foi-se; mas os profetas de Deus antecipam seu futuro, e podemos prever que eles serão manifestados, trazidos de volta para casa e recolocados em seu lugar outra vez com honra e ornamento.

Antes de analisar os cativos de Judá na Babilônia, gostaria de considerar as novas condições impostas pelo próprio cativo. A glória (símbolo da presença divina), os gentios e os Judeus são todos afetados por ele e, imediatamente, entram em um novo contexto.

A glória deixa a Terra e vai para o céu. Ela esteve com Israel desde os dias do Egito até agora. Ela se assentou no carro-nuvem e conduziu Israel para fora do Egito e por todo o deserto; e então se assentou no santuário entre os querubins. Israel era o lugar ou o povo de sua morada na Terra. Mas agora, como foi visto por Ezequiel, ela se despede da Terra para o céu, ou para o monte (Ezequiel 11).

Os gentios tornam-se supremos durante o cativeiro de Judá. A espada é formal e solenemente entregue na mão do caldeu pelo próprio Deus; e a submissão a ele, como ordenado para ser o principal em autoridade política ou imperial no mundo, é exigida por Deus. Mas a glória não acompanha a espada. A Caldeia não é a sede da teocracia; a adoração divina não é estabelecida ali.

O povo de Israel torna-se estrangeiro na Terra. **“Icabode [Icabô] – ARC”**, a glória se foi, num sentido ainda mais terrível do que jamais ocorreu para eles. Estão arruinados, pelo menos por enquanto, como uma nação outrora gloriosa, honrada, forte e independente. Judá é cativo e estrangeiro.

A santidade não poderia esfriar o amor

Essas são as novas condições nas quais todos agora entraram – a glória, os gentios e o povo de Israel.

Mas aqui devo observar – pois é um assunto de grande interesse e valor para nossa alma – que o caráter se revela em cada um deles, em virtude de suas novas condições.

A glória mostra-se, de modo muito gracioso, relutante em deixar a sua antiga morada. Aprendemos isso nos primeiros capítulos de Ezequiel; ali, a glória é vista em uma agitada inquietação, por assim dizer. Havia chegado a hora de partir de Jerusalém, e ela sentia a tristeza desse momento. Ela passava repetidamente entre a entrada da casa, que ainda a conectava ao templo, e as asas dos querubins, que aguardavam para levá-la; e essa é uma visão de profunda e misteriosa consolação. Que segredo ela guarda em nosso coração! A santidade, que precisava partir, não poderia esfriar o amor que desejaria permanecer, se pudesse; e que sombra do Jesus dos evangelistas é essa! Israel não poderia ser o repouso nem da glória, nem de Jesus. Israel estava impuro; mas a glória permanecerá na entrada, e Jesus chorará ao voltar Suas costas à cidade. Nem a glória buscará outro lugar na Terra. Ela escolheu Sião para seu repouso; e se seu repouso ali for perturbado, ela deixará a Terra. Ela será fiel a Israel, ainda que Israel a entristeça e a mande embora. Essas são as perfeições que dão caráter à glória, por assim dizer, neste dia de sua partida de Jerusalém – o dia do cativo de Judá na Babilônia.

Os gentios, nesse mesmo dia, revelam uma visão muito diferente. Nenhuma beleza moral os distingue – pelo contrário, eles se tornam orgulhosos. A elevação sob a mão de Deus os engrandece em sua própria estima. Não se importam com as aflições do povo de Deus, mas se aproveitam de sua opressão e se erguem, o máximo que podem, sobre suas ruínas. Ezequiel nos mostra, como já vimos, a moral ou o caráter da glória que se vai, assim como Daniel nos mostra a arrogância profana dos gentios

nesse mesmo dia. Torna-se intolerável, como sabemos, e termina em julgamento.

Provação produz bênção

O povo de Israel, agora humilhado, é exercitado. O Salmo 137 é um suspiro que expressa um estado de alma muito gracioso, em meio aos cativos junto às águas da Babilônia: homens como Zorobabel, Esdras e Neemias, entre os que retornaram, e como Ester e Mardoqueu, entre os dispersos, nos falam de uma geração ou um remanescente com um caráter que transcendia o que era comumente conhecido em Israel. Assim, como é comum entre os homens, a prosperidade causou danos morais aos gentios naquele momento, enquanto a depressão e as provações foram benéficas para os Judeus.

Esse intervalo de cativeiro, porém, precisava chegar ao fim. A vara da tribo de Judá não poderia ser quebrada até a chegada de Siló (Gênesis 49). Para cumprir essa promessa, repetida de diversas maneiras pelos profetas, Judá precisava retornar do cativeiro e estar em sua terra para receber, se assim o desejassem, o Messias prometido – Aquele que, como vemos em Ezequiel, os havia deixado com tanta reserva e relutância.

O retorno, portanto, se concretizou; e foi marcado por muitos dos frutos desse exercício saudável, o qual já observei como conferindo caráter aos cativos. Não houve nada da mesma glória que marcou seu retorno anterior da terra de Faraó. Nesse aspecto, o êxodo da Babilônia foi algo muito inferior ao êxodo do Egito. Não havia vara de poder para realizar seus prodígios; nenhuma nuvem mística para conduzir; nenhum mediador em intimidade com o Senhor em favor do povo; nem provisões dos celeiros celestiais. Mas havia a energia da fé na jornada, e espíritos despertados para a presença de Deus, para a Sua mente, para a Sua vontade, para a Sua glória e a para Sua suficiência para eles.

Esse retorno, contudo, não foi universal, nem, mesmo na medida em que ocorreu, foi simultâneo. Ainda havia a dispersão, bem

como o retorno dos cativos. Os livros dos cativos – Esdras, Neemias e Ester – nos dão um pouco da história de cada um. Mardoqueu foi um dos dispersos; e dos que retornaram, alguns vieram antes, como Zorobabel; enquanto outros vieram depois, como Esdras em um momento e Neemias em outro.

Soberania de Deus

Mas eu perguntaria: *“Com que garantia ou autoridade os cativos na Babilônia foram habilitados a retornar?”* Dirão, e com razão, que Deus assim o havia proposto e prometido pela boca de seu servo Jeremias. Ele tinha declarado que, quando o cativeiro tivesse completado setenta anos, ele terminaria; e, de acordo com isso, Daniel, que viveu durante todo o período do cativeiro, mas nunca retornou a Jerusalém, fez sua súplica por essa misericórdia prometida, justamente quando os setenta anos se aproximavam do seu término. O retorno, portanto, reconhecemos plenamente, deve ser datado, por assim dizer, da soberania e dos conselhos de Deus. A grande fonte dele reside aí. Mas havia uma autorização secundária e mais imediata para isso, a ocasião para tal, como dizemos; e esta é, como se vê claramente, no decreto de Ciro, o rei da Pérsia, um decreto que ele promulgou no próprio primeiro ano de seu reinado, ou tão logo Deus transferiu a espada da mão do caldeu para a sua mão.

A Babilônia, que havia sido a capturadora, não recebeu a honra de ser a libertadora de Israel. Essa honra foi reservada a outro, e para alguém que havia sido tão distintamente nomeado pelos profetas de Deus quanto o período de setenta anos havia sido nomeado.

Ciro é mencionado em Isaías 44 e 45; seu próprio nome aparece ali, e já estava lá duzentos ou trezentos anos antes de seu nascimento. Ele é mencionado como aquele que seria o construtor do templo em Jerusalém. Não podemos afirmar que foi assim, mas podemos sugerir que ele ouviu falar desse fato surpreendente de alguns dos cativos; e se ele ouviu, não teria sido esse o instrumento pelo qual o Senhor despertou seu espírito? Suficiente, e mais do que suficiente, para levá-lo àquela

grande e generosa ação que realizou, e cujo relato encerra os livros das Crônicas e inicia o livro de Esdras. (Há relatos de que foi mostrada a Alexandre, o grego, a profecia de Daniel a seu respeito. De maneira semelhante pode ter sido mostrada a Ciro, o persa, essa profecia de Isaías).

Caso alguma vez Ciro tenha tido conhecimento desses oráculos divinos, deveríamos, talvez, nos admirar mais de que ele não tenha feito mais, do que nos admirar de que ele tenha feito tanto. Poderíamos esperar que ele próprio se tornasse um prosélito; pois Isaías lhe revela que foi ninguém menos que o Deus daquele povo (que então eram seus súditos e, como eu diria, seus cativos) que foi adiante dele para abrir caminho rumo à conquista e ao domínio.

Mas, seja assim ou não, seu decreto, como sabemos, foi a causa imediata e a autoridade máxima para o retorno deles.

Além disso, quanto a este grande evento e época, os tempos dos gentios, como o próprio Senhor fala, começaram com o cativeiro babilônico; os gentios então se tornaram supremos, como já dissemos, um reino sucedendo o outro. E esses tempos dos gentios continuam até hoje. O retorno desde a Babilônia não alterou isso, pois esse evento não afetou a supremacia gentia. Mas esses tempos terminarão no julgamento da besta apocalíptica e seus confederados (Apocalipse 19), quando a pedra cortada sem mãos esmiuçar a estátua.

E podemos ainda dizer, quanto a Israel, que esse cativeiro operou uma reforma entre eles. Daquele tempo até o presente, **“o espírito imundo”**, como o próprio Senhor também diz, foi **“expulso”**. A idolatria não tem sido praticada desde então; mas, embora a casa Judaica esteja assim desocupada e limpa, ela não está mobiliada com sua verdadeira riqueza e ornamentos. (Em breve, o espírito imundo retornará e, trazendo consigo outros espíritos imundos mais perversos do que ele, completará a apostasia do Judeu e o conduzirá novamente ao julgamento). O Messias não foi aceito; e, em princípio, Israel retornou à Babilônia,

onde permanecerá até o dia da redenção e do reino sob a graça,
o poder e a presença do Senhor Jesus.

Os Cativos Retornaram a Jerusalém -

Esdras 1-4

Ao entrarmos no livro de Esdras, começamos a história dos cativos que retornaram. Nós os vemos em suas circunstâncias e em seu comportamento; e de ambos extraímos ensinamentos.

Em grande parte da condição deles, lemos muito da nossa própria; e, a partir de seu comportamento, somos ou ensinados, ou encorajados ou advertidos. Ao acompanharmos sua história, podemos muito bem ser impressionados com a semelhança que ela tem com a nossa; de modo que, pela afinidade moral entre a condição deles e a nossa, podemos chamá-los de nossos irmãos em um sentido especial.

Tendo concluído sua jornada da Babilônia a Jerusalém, encontramos neles imediatamente uma grande beleza moral: eles usam o que têm; fazem o que podem; mas não assumem nem pretendem fazer o que não têm e o que não podem. Eles têm a Palavra e a utilizam. Fazem o melhor que podem com as genealogias, a fim de preservar a pureza do sacerdócio e do santuário; mas não pretendem fazer o que o Urim e o Tumim lhes permitiriam fazer, pois eles não os possuem.

Isto é belo; eles não se recusam a fazer o que podem, porque não podem fazer tudo o que gostariam. Eles irão usar a sua medida e não contendem com ela por ser pequena. Contudo, não se estendem além dela, mas aguardam até que outro venha com outra medida maior e mais perfeita. São rápidos em erguer um altar ao Deus de Israel.

Eles não precisam construir primeiro o seu templo. Um altar basta para os holocaustos e para a festa dos tabernáculos; e, como um povo reavivado, como um povo que conscientemente se encontra novamente em solo santo, no dia místico, o primeiro dia do sétimo mês, eles erguem seu altar e iniciam sua adoração.

Isso foi muito bom. Foi como o instinto que levou Noé, assim que saiu da arca, a oferecer seus sacrifícios; ou como o de Davi, assim que chegou ao trono, a cuidar da arca de Deus.

Israel não ergueu altar algum no Egito – precisavam ir para o deserto antes de poderem oferecer sacrifícios ou celebrar uma festa ao Senhor. O Egito era o lugar da carne e do julgamento; e a libertação de lá precisava ser realizada para que Deus pudesse receber adoração adequada de suas mãos. E assim também na Babilônia: Israel não ergueu altar algum ali. Um podia abrir a janela e orar em direção a Jerusalém; três ou quatro podiam fazer orações conjuntas por misericórdia e sabedoria; em um dia de perplexidade, podiam todos pendurar suas harpas em salgueiros, recusando-se a cantar os cânticos de Sião ali. Mas não ergueram altar algum naquela terra dos incircuncisos. Agora, novamente em Jerusalém, o altar foi edificado e os sacrifícios foram oferecidos; a adoração foi restaurada, assim como Israel foi reavivado. As duas coisas que Deus uniu: a glória do Seu Nome e a bênção do Seu povo, são vistas imediatamente nos cativos que retornaram.

Mas, além disso, assim que os alicerces do templo foram lançados, ouviu-se algo estranho – algo que não poderia ser senão uma dissonância de sons ásperos aos ouvidos da natureza, uma harmonia de vozes santas aos ouvidos de Deus e da fé. Houve choro e clamores de tristeza, e houve brados de alegria. Mas, na balança, tudo isso era harmonia; pois tudo era real, tudo era **“para o Senhor”**.

Como alguns faziam diferença entre dia e dia, e outros poderiam até se recusar a diferenciá-lo, isso pode parecer desordem; mas cada um fazendo o que fazia **“para o Senhor”**, a mais elevada ordem era mantida (veja Romanos 14): assim o Espírito a avalia.

Confusão real

Há, porém, mais do que isso. Há verdadeira confusão, e em abundância, além dessa aparente e ocasional discórdia. A situação é irremediavelmente complexa e confusa. O que um

Judeu piedoso deve ter sentido ao se encontrar novamente na terra que Davi havia conquistado, onde Salomão havia reinado, onde a glória havia habitado e o sacerdócio de Jeová havia servido!

Um tal homem poderia, naquele momento, ter lançado o primeiro olhar sobre si mesmo; e teria que reconhecer em si uma visão estranha na terra em que se encontrava, como súdito de um poder gentio. Em seguida, olhando para seus irmãos, teria que dizer que alguns estavam com ele, mas outros ainda estavam distantes, entre os incircuncisos. E então, lançando um olhar mais amplo sobre o povo daquela terra, teria que ver uma semente de corrupção: meio Judia, meio pagã, no lugar que outrora fora compartilhado entre a descendência de Abraão, e somente entre eles!

Que visões eram essas! Que luz e energia são necessárias para lidar e agir diante dessa estranha massa de dificuldades e contradições! Mas essa luz e energia são encontradas, de uma bela forma, em abundância entre eles. Aqueles que mantiveram seu nazireado na Babilônia o manteriam, se necessário, na Judeia; aqueles que não comeriam as iguarias do rei lá, não terão uma aliança samaritana na construção do templo aqui. E eles distinguem as coisas que diferem; eles conhecem o samaritano: curvam-se à espada e à autoridade de uns, como estabelecida sobre eles pela ordenação de Deus, e recusando a ajuda oferecida do outro, por serem estes infiéis ao Deus de seus pais.

Isso é como uma antecipação do próprio julgamento do Senhor em Seu dia aos cativos que haviam retornado: **“Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”**. Isso me lembra de seus pais no deserto, onde conheciam o edomita e o amorreu em suas diferentes relações com eles. Aqui, seus filhos conhecem o samaritano e o persa. Eles não fazem nada em espírito de rebeldia. Eles se submeterão às **“autoridades que há”**, por saberem que foram **“ordenadas por Deus”**. Mas repudiam a impureza religiosa. Tudo isso está repleto de ensinamentos e é

muito pertinente às condições atuais entre nós. Essas coisas, ou os princípios que nelas se encontram e estão envolvidos, reaparecem entre os santos de hoje.

Reconhecimento da fé

A fé ainda reconhece que a **“salvação”** é o fundamento da **“adoração”** (João 4). Ou seja, enquanto estivermos na carne, Deus nada recebe de nós; que o lugar da disciplina, como a Babilônia foi para Israel, é testemunhar apenas o serviço e a execução da harpa. A fé ainda usa as harpas penduradas nos salgueiros.

A fé ainda se baseia nas coisas escritas: influencia a palavra em todas as coisas; ela não influencia nada além de sua medida, enquanto faz o que pode de acordo com a sua medida. Não rejeita o que tem por não ter mais. Não diz: **“Não há esperança”**, e se senta ociosa, porque o poder em certas formas de glória não nos pertence; mas ela não imita o poder, nem cria a imagem daquilo que já se foi. Ela aguarda o dia em que tudo será estabelecido em eterna ordem e beleza pela presença d'Aquele que é a verdadeira luz e perfeição, e que estabelecerá todas as coisas no reino segundo Deus.

A fé, da mesma forma, ainda escuta com um ouvido diferente daquele da natureza. Como já mencionei isso, assim posso dizer novamente que Romanos 14, assim como Esdras 3, nos ensina que aquilo que é dissonante aos ouvidos da carne e do sangue é harmonia aos ouvidos de Deus.

E certamente, posso acrescentar, a fé ainda reconhece a confusão. Se a vemos em Israel nos dias de Esdras, a vemos entre os santos e as igrejas no dia de 2 Timóteo; e o dia de 2 Timóteo foi apenas o início do presente e longo dia da Cristandade, ou da **“grande casa”**. Elementos estranhamente inconsistentes nos cercam, assim como cercaram os cativos que retornaram: a supremacia gentia na terra; a ajuda oferecida e, em seguida, a amarga inimizade dos samaritanos, alguns do Israel de Deus ainda na Babilônia, enquanto outros tinham retornado a

Jerusalém. Nada disso lhes proporcionou materiais mais estranhos, singulares ou anômalos para discernir e agir do que nos proporciona a atual grande casa da Cristandade, com seus vasos puros e impuros, alguns para honra e outros para desonra.

Podemos, no entanto, ser encorajados e instruídos por esses cativos. Pois, embora a antiga glória e força não sejam vistas entre eles: o Urim e Tumim perdidos, a arca da aliança desaparecida, a vara mística e a coluna de nuvem não sejam mais conhecidas nem vistas; ainda assim, havia mais energia e luz, e um exercício espiritual mais profundo, nos que retornaram da Babilônia do que nos redimidos do Egito.

O Efeito da Humilhação -

Esdras 5-6

Assim como podemos ser instruídos e encorajados pelos cativos que retornaram, certamente também podemos ser advertidos por eles. Eles precisam de um reavivamento, embora agora de volta a Jerusalém, assim como precisavam quando ainda estavam na Babilônia.

O decreto de Artaxerxes havia interrompido a construção do templo. A natureza, ou a carne, aproveita-se disso: e os cativos começam a adornar suas próprias casas assim que têm tempo livre e estão livres do trabalho de construir a casa do Senhor.

Que advertência é essa! Já foi dito que é mais fácil obter uma vitória do que usá-la. Podemos vencer na luta, mas sermos derrotados pela vitória. Os Judeus que retornaram haviam obtido uma vitória ao recusarem as ofertas e a aliança dos samaritanos. Eles tinham razão em recusar qualquer ajuda que comprometesse sua santidade. Mas agora abusam dessa vitória. Os samaritanos obtiveram um decreto do rei persa para interromper a construção do templo; e o tempo livre assim gerado torna-se uma armadilha para o remanescente. Eles o usam para fazer os acabamentos e adornar suas próprias casas: algo muito natural, mas muito humilhante de se pensar. Abraão havia se saído muito melhor. Com seus servos treinados, ele venceu o confronto com os reis confederados; mas então uma vitória leva a outra, pois ele recusa as ofertas do rei de Sodoma imediatamente depois. Mas aqui o tempo livre conquista aqueles que há pouco haviam conquistado os samaritanos. Isso se assemelha mais a Davi, do que a Abraão. Davi lutou bravamente desde o dia do leão e do urso até o dia de sua ascensão ao trono; mas revela relaxamento e descuido de coração já na primeira ocasião em que atua como rei. Davi coloca a arca de Deus em uma carroça nova puxada por bois!

“Porventura é para vós tempo de habitardes nas vossas casas forradas, enquanto esta casa fica deserta?”, diz o Espírito que convence e repreende, por meio do profeta Ageu.

Advertências humilhantes e proveitosas

Isso é humilhante e, ao mesmo tempo, uma advertência salutar. Nosso coração entende bem isso – como a natureza aproveita essas oportunidades de forma rápida e eficaz. Embora os cativos estejam sob o domínio persa, o Espírito de Deus permanece livre e pode reviver Sua antiga graça, enviando Seus profetas a eles. Pois essa era a Sua antiga graça. Esse sempre foi o Seu método bem conhecido: desde antes do dia do rei Saul até depois do dia do rei Zedequias, ou seja, desde o primeiro até o último rei de Israel, de 1 Samuel 1 a 2 Crônicas 36. Ao longo desse período, geração após geração, profetas foram enviados repetidamente para repreender, instruir ou encorajar reis e seus povos. Samuel, Natã e Gade; Semaías, Jaseías e Azarias; Elias e Eliseu, entre outros, ministraram dessa forma enquanto Israel era uma nação. Agora Ageu e Zacarias são enviados, como profetas semelhantes a eles, aos cativos que retornaram: o doce testemunho de que a antiga forma da graça de Deus para com o Seu povo ainda deveria ser usada para que eles soubessem, em todas as épocas e em todas as circunstâncias, que não havia estreiteza n'Ele.

Deus não interveio para restabelecê-los sobre a base original. Fazer isso não teria sido moralmente adequado: quer em relação à posição que o povo ocupava diante de Deus, quer em relação ao poder que Ele havia estabelecido entre os gentios, quer ainda com vistas à instrução do Seu próprio povo em todas as épocas, quanto ao governo de Deus. Isso é muito justo. As coisas permanecem como a mão de Deus, em Seu governo, as havia estabelecido. O gentio ainda é supremo na Terra; e a glória não retorna a Israel. O trono de Davi não é erguido do pó, nem o Urim e Tumim nem a arca da aliança são dados novamente; mas o Espírito não se foi do Seu lugar de serviço. Ele levanta profetas,

como em outros dias, quando o trono de Davi estava em Jerusalém, e o templo e seu sacerdócio em sua glória e beleza.

O efeito dos avisos

Seria proveitoso observar a maneira pela qual esses profetas conduziram o seu ministério ao reavivar os cativos que haviam retornado; mas não o farei aqui. A casa, porém, volta a ser cuidada sob a palavra deles; o zelo do povo renasce; sua fé e serviço revivem; e em cerca de quatro anos, desde o segundo ano de Dario, quando Ageu e Zacarias começaram a profetizar, até o sexto ano, quando a casa foi concluída, eles trabalham com renovado empenho.

Em seguida, ocorre a dedicação da casa. E este é um belo testemunho do estado moral do remanescente. Eles só podem fazer um pouco – muito pouco mesmo –, mas o fazem. Salomão havia sacrificado 22.000 bois e 124.000 ovelhas na dedicação da primeira casa, enquanto os cativos que retornaram só podem oferecer algumas centenas de novilhos, carneiros e cordeiros. Mas eles fazem o que podem; e quem dirá que a pequena oferta daquela viúva não foi maior do que todas as ofertas de seus antepassados mais ricos? Eles fizeram o que podiam, sem se envergonhar de sua pobreza. **“Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou”**. Há preciosidade em tal fragilidade: algo especialmente aceitável em tais sacrifícios – quando *“em tempos de aflição, a abundância de alegria e a profunda pobreza abundaram em riquezas de liberalidade”*.

Então eles celebram a Páscoa – eles podem fazer isso, e farão. Eles podem dedicar a casa e podem celebrar a festa – e a celebrarão. Sacerdotes e levitas estão agora igualmente purificados, como não haviam estado no tempo real de Ezequias (2 Crônicas 29:34; Esdras 6:20). Assim, na verdade, podemos dizer que, embora a ausência de toda a glória manifesta, como a que resplandecia nos dias de Salomão, possa ser notada aqui, há também uma graça e um poder morais mais atraentes, assim como o êxodo da Babilônia, cerca de vinte anos antes, havia sido

marcado em contraste com o êxodo do Egito. Há características no segundo êxodo e na dedicação, características de beleza pessoal, que não se manifestaram nos dias mais brilhantes, muito mais brilhantes, do êxodo do Egito e de Salomão.

Força e Separação - Esdras 7-10

Ao iniciarmos estes capítulos, já se passaram cerca de sessenta anos e estamos na companhia de uma nova geração de cativos, e estamos prestes a testemunhar um segundo êxodo da Babilônia.

Esta parte do livro nos conta a história do próprio Esdras. Ela consiste em duas partes: sua jornada desde a Babilônia (Esdras 7-8) e seu trabalho em Jerusalém (Esdras 9-10).

Em cada uma dessas situações, encontramos nele um homem de Deus eminente. Ele se encontra em circunstâncias comuns; nenhum milagre distingue a ação; nenhuma demonstração de glória ou poder a acompanha; tampouco temos a inspiração que encheu os profetas Ageu e Zacarias no último avivamento, como vimos em Esdras 5-6. Tudo é comum: seus recursos são apenas os mesmos que os nossos hoje, e a Palavra e a presença de Deus também as mesmas. Mas ele os usou, e os usou bem e fielmente, do começo ao fim. Antes de começar a agir, preparou seu coração para buscar ao Senhor. Meditou em Seus estatutos até que seu proveito, como podemos afirmar com certeza, se manifestou a todos nós. Assim que começa a agir, e até o fim, vemos nele muita comunhão e em segredo com o Senhor. Ele cumprirá a Palavra de Deus através de todas as dificuldades e obstáculos. Ele conduz de Babilônia para Jerusalém um remanescente relativamente pequeno; mas ele exerce um espírito de fé e obediência em medida incomum.

Ao iniciar a jornada, ele tem o cuidado de preservar a santidade das coisas santas. Com esse mesmo espírito agiu o sacerdote Joiada ao trazer Joás de volta ao reino. Ele não sacrificaria a pureza da casa de Deus por nenhuma necessidade da época (2 Crônicas 23). E assim agora, ao conduzir seu remanescente de volta a Jerusalém, Esdras não sacrificará a santidade dos

utensílios da casa por nenhum obstáculo ou dificuldade do seu dia. Ele procura os levitas para levá-los de volta, mesmo que isso o detenha às margens do rio Aava por doze dias. Ele é muito superior ao rei Davi em tudo isso. Davi, em um momento em que poderia ter comandado os recursos de um reino, não manteve o Livro de Deus aberto diante de si, mas colocou apressadamente a arca de Deus em um carro novo. Mas Esdras é como alguém que tem a Palavra de Deus sempre diante de si: e, embora com o zelo de Davi, ele se precaveu contra a pressa e a imprudência de Davi (1 Crônicas 13).

Força que vem de Deus

É muito comovente ver um santo assim, em meio à fraqueza das circunstâncias, com nada além de recursos comuns, portando-se dessa maneira diante de Deus e através de seus serviços e deveres.

Além disso, como o veremos a seguir, ele é alguém que não dará um passo para trás. Ele havia se vangloriado do Deus de Israel perante o rei da Pérsia, e agora (iniciando uma jornada perigosa) não lhe pedirá ajuda, contradizendo em atos a confissão de seus lábios. Ele obterá força de Deus por meio do jejum, em vez de pedir ao rei.

Há belas combinações em tudo o que agora traçamos sobre este querido homem. Ele usava a Palavra de Deus e a presença de Deus; ricamente instruído como escriba, ele vivia em segredo com o Senhor. Era um estudante diligente e meditativo em casa, mas era enérgico, prático e dedicado fora dela. Ele não agiria contra sua consciência nem sacrificaria a Palavra de Deus por qualquer dificuldade ou obstáculo; e se por um momento sua confissão ultrapassasse sua fé, e ele se visse aquém do lugar em que fora colocado, ele esperaria em Deus para que seu coração fosse fortalecido, e não deixaria que sua confissão fosse censurada por timidez ou ociosidade.

Contudo, todas as suas circunstâncias eram tão comuns quanto as nossas hoje em dia. Ele tinha a Palavra de Deus e a presença de Deus, como eu disse, e nós também. Mas era só isso: ele não tinha nem mesmo a inspiração de um Ageu ou um Zacarias para encorajá-lo. Era simplesmente a graça de Deus, no poder do Espírito, despertando um santo para um novo serviço pela Palavra.

Se outras partes da história dos cativos que retornaram nos instruíram, encorajaram e advertiram, certamente podemos dizer agora que esta também nos humilhará. Na condição de Esdras, quão friamente e fracamente nossa alma se move em comparação com seu espírito de serviço sincero e comunhão secreta!

A jornada foi concluída, o segundo êxodo da Babilônia foi finalizado e Esdras e seus companheiros chegaram a Jerusalém sem nenhum infortúnio ou perda no caminho. A boa mão de seu Deus estava com eles e provou ser suficiente sem a ajuda do rei. Todos os tesouros foram entregues ao Templo, conforme haviam sido pesados e contados em Aava. Tudo o que havia entrado na arca nos dias de Noé saiu são e salvo. Nenhum grão de tais tesouros caiu no chão em nenhum momento; e aqui chegam a Jerusalém todos os que partiram da Caldeia.

Nova separação para Deus

No devido tempo, Esdras teve que olhar ao seu redor em Jerusalém. Deparou-se com algo para o qual não estava preparado; e a visão foi avassaladora. O declínio entre os cativos que retornaram havia se instalado rapidamente, e a corrupção havia se alastrado de forma espantosa. Que visão para o espírito de um homem assim! Esdras ilustra de forma bendita “a piedade de chorar pelos pecados dos outros” – uma afeição verdadeiramente semelhante à de Cristo; e o exemplo disso neste homem de Deus pode muito bem humilhar ainda mais alguns de nós.

Israel havia se casado novamente com a filha de um deus estranho. A semente santa havia se misturado com o povo da terra. O Judeu havia se unido em parentesco ao gentio.

Para manter a pureza ao longo de uma dispensação, o poder renovador precisa ser manifestado repetidas vezes; e uma nova separação para Deus e para Sua verdade precisa ocorrer sob essa virtude renovadora. Assim é agora com Esdras em Jerusalém. Mas aqui, nos detemos um momento para considerar alguns princípios divinos. Quando o pecado entrou, e a criatura e a criação se tornaram contaminadas, o Senhor Deus teve que estabelecer um testemunho para Si mesmo. Havia agora uma ruptura entre Ele e aquilo que havia sido obra de Suas mãos e o representante de Suas glórias. A ordenança do puro e do impuro cumpriu esse papel no princípio (Gênesis 8:20).

No decorrer de Seus caminhos, encontramos outras duas operações Suas de caráter semelhante: Seus juízos e Seu chamado. Ele separou a contaminação de Si mesmo e de Sua criação por meio do juízo no dia do dilúvio, antes de fazer da Terra o cenário de Sua presença e governo no mundo novo ou pós-diluviano. Mas quando esse mundo se contaminou como o mundo antigo, Ele distinguiu entre o puro e o impuro, por meio do chamamento de Abraão a Si, para o conhecimento d'Ele e para uma caminhada com Ele, à parte do mundo. Esses são exemplos do que Ele tem feito desde então, do que está fazendo agora e do que ainda fará.

A separação do mal é, em grande medida, o princípio da comunhão com Ele. A verdade, o conhecimento de Deus e a vida em Cristo são, certamente, o fundamento, os meios e o segredo da comunhão; mas a separação do mal deve acompanhar isso. Pois, se encontrarmos o próprio Bendito, devemos encontrá-Lo em condições adequadas à Sua presença.

Um vaso purificado

Esdras logo percebe que os cativos que retornaram praticamente haviam esquecido tudo isso. Eles se misturaram com o povo da terra. Estavam novamente envolvidos naquele mal do qual o chamado de Deus os havia separado; estavam contaminados. Pois a santificação é pela **“verdade”**; a lavagem da água é **“pela Palavra”**, e, se a santidade não for segundo a Palavra de Deus – e a Palavra de Deus como Ele a aplica no tempo, ou dispensacionalmente – ela não tem qualidade divina. Não há nela nazireado – nenhuma separação para Deus. Os filhos do cativeiro estavam se casando e se dando em casamento aos gentios. Esdras se dedica à obra da reforma, e o faz com o mesmo espírito com que se propôs a ser para Deus antes e durante sua jornada. É isso que devemos observar especialmente em Esdras. Ele era, pessoalmente, tanto um santo de Deus quanto um vaso com dom e cheio. Isso se manifesta em Esdras mais do que em qualquer outro que tenha servido entre os cativos antes dele. Ele era um vaso que, de fato, se purificou para o uso do Mestre; pois a reforma em Jerusalém se realiza com o mesmo zelo da jornada desde a Babilônia; e a bênção de Deus repousa sobre ela.

Não há milagre, nenhuma glória manifesta, nem energia poderosa que indique uma presença divina extraordinária: nada se vê fora do comum ou além dos recursos ordinários. O serviço, se realizado e prestado de acordo com a Palavra escrita, é para a glória do Deus de Israel e em espírito de adoração e comunhão. Esse é apenas um exemplo do que o serviço entre nós hoje poderia ser e, como podemos acrescentar, deveria ser. Esdras, do início ao fim, não dá ouvidos à conveniência, nem cede às dificuldades, nem se recusa à diligência e ao trabalho árduo; ele mantém seus princípios e conduz a Palavra de Deus através de todos os obstáculos.

Creio profundamente que os santos de Deus hoje podem ler a história dos cativos que retornaram e achá-la útil para edificação,

instrução, encorajamento, bem como para advertência e humildade.

*"Quão precioso é o livro divino,
Dado por inspiração!
Brilhante como uma lâmpada, seus ensinamentos resplandecem
Para nos guiar ao céu."*

John Fawcett 1740-1817

Os Construtores do Muro -

Neemias 1-6

É após um intervalo de doze anos, desde o tempo da atuação de Esdras, que Neemias aparece. Ele ainda era cativo na Babilônia (ou Pérsia, que, em princípio, era a mesma coisa) enquanto Esdras prestava um bom serviço ao Senhor em Jerusalém. Mas, por estar ligado ao palácio do rei persa, talvez não tivesse liberdade para participar do movimento ou reavivamento nos dias de Esdras – ou talvez ainda não tivesse sido vivificado pelo Espírito a fazê-lo.

Ele representa um novo renascimento, e tudo está em crescente fragilidade. Ele não é um príncipe da casa de Davi, como Zorobabel, nem um sacerdote da família de Arão, como Esdras. Ele é, como se costuma dizer, um leigo: copeiro do rei.

Energia moral fina

Há, porém, em tudo isso algo que magnifica a graça que nele havia. Os fardos de seus irmãos têm o poder de separá-lo do palácio persa, assim como outrora separaram Moisés do egípcio. Nenhum milagre distingue esses dias de retorno dos cativos, mas houve muitos testemunhos de notável vigor moral entre eles.

Esdras havia sido escriba, além de sacerdote. Ele era um estudioso meditativo e adorador da Palavra de Deus, pois encontrava nela a fonte e a orientação de sua energia. Neemias não era assim. Era um homem prático, um homem envolvido com os negócios da vida cotidiana, em meio às circunstâncias e relações que compõem a história humana. Mas ele tinha um espírito sincero, como Esdras, e tomou aquilo que ele ouviu, assim como Esdras havia tomado aquilo que lera. E tratou com isso na presença de Deus.

Ele ouvira falar das desolações de Jerusalém e chorou por causa delas diante de Deus, assim como Esdras havia visto os pecados

de Jerusalém e chorado por causa deles diante de Deus. Mas aqui, podemos perguntar: como foi possível que essas desolações não haviam comovido Esdras? Ele estivera todo esse tempo em Jerusalém, enquanto Neemias estava no palácio persa, e só ouvia falar delas por meio de relatos ocasionais. Teria a energia de Esdras diminuído que ele próprio precisava ser reavivado, embora já fizesse alguns anos desde que ele havia sido o instrumento para reavivar outros? Essas coisas acontecem e sempre têm acontecido. Pedro conduziu seus irmãos adiante (Atos 1:15), mas ele próprio precisou ser repreendido, corrigido e conduzido, como em Gálatas 2. Um Paulo mais jovem reanima seu irmão mais velho, Pedro, que havia servido ao Senhor por anos, enquanto Paulo blasfemava contra Ele. E aqui, ao que parece, um Neemias mais jovem, também um leigo, tem que reviver o venerável escriba que havia ido a Jerusalém para servir a Deus ali, anos e anos antes dele.

Serviço exclusivo

Se não fosse assim, isso poderia nos mostrar que o Senhor tem um trabalho para um servo e outro trabalho para outro; um propósito por meio desse reavivamento e outro por meio daquele. Zorobabel havia voltado sua atenção para o Templo; Esdras para a reforma da religião; e agora Neemias é levantado para cuidar dos muros da cidade e da situação civil de Jerusalém. Pode ter sido assim, pois tais coisas, repito, acontecem e sempre têm acontecido. Antigamente, havia o serviço dos gersonitas, dos meraritas e dos coatitas. E certamente tem sido assim, em uma série de reavivamentos, século após século, no curso da Cristandade, desde a Reforma, que foi uma espécie de retorno desde a Babilônia.

Não digo qual dessas maneiras devemos explicar o aparente silêncio de Esdras, embora os muros em ruínas da cidade estivessem diante de seus olhos dia após dia, durante anos. Contudo, ele é honrado, muito honrado, na memória do povo de Deus, assim como Neemias.

Neemias era um homem simples, de profunda devoção. Seu livro nos oferece, posso dizer, o único fragmento autobiográfico encontrado na Escritura. É este querido homem de Deus escrevendo sua própria história em um estilo simples, próprio para transmitir a verdade. Ele nos permite aprender como se voltava para Deus repetidas vezes, com o espírito de uma criança confiante e devota, enquanto prosseguia com seu trabalho. Seu estilo me lembra uma frase que encontrei, creio eu, em algum escritor antigo: *“que Cristo seja o segundo em todos os pensamentos”*. Ou seja, que a alma se volte prontamente para o Senhor em meio às ocupações, que esteja habitualmente diante d'Ele, não por esforço ou vigilância, mas por um exercício da alma fácil, feliz e natural.

E, juntamente com esse exercício de seu espírito para com Deus, o coração de Neemias estava vivo para com seus irmãos. Em profunda afeição, e naquela eloquência que brota fresca do coração e de suas inspirações, ele chama Jerusalém de **“o lugar dos sepulcros de meus pais”**. E tudo isso nos apresenta uma pessoa muito atraente. Nós o amamos e não lhe negamos suas virtudes, nem o invejamos por suas excelências. Nós o seguimos com afetuosa admiração.

Exercício do espírito

O exercício de seu espírito, antes de obter a permissão de seu senhor real para visitar Jerusalém, é muito belo. Do mês de Quisleu ao mês de Nisã, isto é, do terceiro ao sétimo mês, ele lamentou diante de Deus por causa da cidade. Finalmente, ele comparece perante o rei, recebe permissão, sendo-lhe determinado um período para iniciar sua jornada e realizar sua visita – um capitão e cavaleiros também são designados para guiá-lo e protegê-lo no caminho. Ele esteve bastante sozinho durante todo esse tempo: os avivamentos geralmente começam com algum indivíduo; e quando ele chega a Jerusalém, ainda está, a princípio, sozinho. À noite, ele inspeciona os muros da cidade, familiarizando-se com a natureza da obra que agora tem

pela frente. Ele testa o que está prestes a anunciar. Muito bem – esse é o caminho dos servos guiados pelo Espírito. **“Nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos”**. Ele não é um patrono, mas sim um companheiro de trabalho, um colaborador, como Paulo, ou como o divino Mestre de Paulo, que, embora fosse o Senhor da seara, também servia no campo da seara.

E, de fato, essas são sempre as formas pelas quais o Espírito prepara os servos de Cristo. Eles comprovam aquilo que ensinam e trabalham segundo o princípio do serviço, e não do patronato. Eles não são senhores da herança, mas exemplos para o rebanho; não exercem domínio sobre a fé, mas são cooperadores da alegria.

Companheiros na obra

Então, ao prosseguirmos para Neemias 3 e observarmos seus companheiros na obra, vemos muito que nos instrui e muito que nos diz sobre os nossos dias e às nossas próprias circunstâncias.

Todos são um povo que trabalha junto – os nobres e o povo comum. O serviço à cidade de Deus os colocava a todos em pé de igualdade. Os ricos eram humilhados e os pobres exaltados: uma bela cena em seu tempo e lugar. Então, alguns se destacavam: Baruque, filho de Zabai, trabalhava **“com grande ardor”** (v. 20); as **“filhas”** de Salum trabalhavam com seu pai (v. 12); alguns sacerdotes “santificavam” seu trabalho em sua parte das muralhas da cidade, enquanto outros trabalhavam de maneira comum (vs. 22, 28). E, é doloroso acrescentar a tudo isso, que os nobres dos Tecoítas não trabalhavam de forma alguma (v. 5).

Sempre existiram distinções como essas, e elas são abundantes em nossos dias. Na construção do tabernáculo no deserto, nas batalhas de Canaã, no acompanhamento de Davi durante seu exílio, como aqui na construção do muro de Jerusalém e, posteriormente, entre os companheiros de Paulo, vemos essas distinções. E certamente, como as filhas de Salum ou a esposa de Áquila, as mulheres em nossos dias realizam boas obras no

evangelho e a serviço de Jerusalém. Mas devemos nos lembrar, e isso é proveitoso, que cada um receberá a sua recompensa segundo as suas obras (1 Coríntios 3); embora também devamos nos lembrar de que o Senhor pesa tanto a qualidade quanto a quantidade do que lhe é dado (Mateus 20:1-16).

A espada e a colher de pedreiro

Assim, certamente podemos ser instruídos nos detalhes desta doce história. Ao lermos Neemias 4, descobrimos que os construtores se tornaram também guerreiros. Seu trabalho prossegue diante dos inimigos e apesar dos **“escárnios”**, como diz Hebreus 11. E nessa combinação da espada e da colher de pedreiro, vemos os símbolos de nossa própria vocação: há aquilo contra o que devemos resistir e há aquilo que devemos cultivar. Como construtores, devemos nutrir e promover o que é do Espírito em nós; como guerreiros, devemos resistir e mortificar o que é da carne. Somos construtores e guerreiros.

Quanto aos inimigos, são os mesmos samaritanos de sempre

Nos dias de Zorobabel, a geração dos inimigos estava representada por Reum e Sinsai, ou em Tatenai e Setarboznai; e agora, a geração deles, nos dias de Neemias, está representada em Sambalate e Tobias. Eles não eram pagãos, mas uma semente de corrupção, que poderia parecer ser a **“circuncisão”** aos olhos da carne e do sangue. E, por esse tempo, pareciam ter se corrompido ainda mais: pois edomitas, árabes, filisteus e amonitas pareciam estar unidos a eles, ou ter se tornado um com eles.

Sintomas de uma má moral

E ainda mais grave, e para nosso alerta pessoal e imediato, vemos um grupo de Judeus morando perto desses samaritanos. E eles estavam a par dos segredos dos samaritanos (v. 12) – um mau sinal. Eram fronteiriços. Podem nos lembrar de Ló em Sodoma e de Obadias na casa de Acabe. Certamente não eram samaritanos; eram Judeus e tinham algum amor e cuidado por seus irmãos

que serviam e trabalhavam em Jerusalém. Mas moravam perto dos samaritanos e estavam a par de seus segredos; novamente, digo, um sintoma de uma má moral. Presumo que fossem alguns dos antigos remanescentes deixados na terra no dia em que Judá foi levado cativo. Nunca compartilharam das virtudes de renovação de Zorobabel, Esdras e Neemias. Seu cheiro estava neles – não haviam sido esvaziados de vaso em vaso, como Jeremias fala de Moabe (Jeremias 48).

Diferente de todos esses, muito diferente, era o trompetista que Neemias aqui coloca perto de si; pois se esses Judeus estavam no segredo dos samaritanos, esse trompetista estava no segredo de Deus. É isso que os portadores e tocadores de trombeta (ou buzina) sempre representam – quer os vejamos como sacerdotes, realizando seu trabalho ocasional e variado em Números 10, ou seu trabalho anual no primeiro dia do sétimo mês (como em Levítico 23), ou como ministros com dons na assembleia de Deus, ensinando e exortando de acordo com 1 Coríntios 12:8-9.

Para alguns de nós, é uma experiência humilhante reconhecer essas belezas nos servos de Cristo, nos Neemias e nos trompetistas nas muralhas da cidade!

Existem combinações em Neemias que se destacam de forma muito marcante. No quinto capítulo de Neemias, vemos o personagem em suas virtudes privadas; assim como nos capítulos anteriores, o vimos em suas energias públicas. Ele renuncia aos seus direitos pessoais como governador para que possa ser, de forma simples e plena, servo de Deus e do Seu povo. Isso pode nos lembrar de Paulo em 1 Coríntios 9, pois ali o apóstolo não exerce seus direitos e privilégios como apóstolo, e aqui Neemias faz o mesmo como tirsata, ou governador da Judeia, sob o trono persa.

Isso é belo. Como isso mostra as correspondentes operações do Espírito de Deus nos eleitos, ainda que separados entre si por tão grande distância, como Neemias e Paulo!

Resgatar ou vender?

Neste capítulo, porém, temos tanto uma advertência quanto um exemplo. Os Judeus, que já estavam há muito tempo em Jerusalém, oprimiam-se uns aos outros. Neemias lhes diz que seus irmãos, ainda entre os gentios, estavam se saindo muito melhor do que isso. Eles estavam resgatando uns aos outros; enquanto ali, no coração da terra, sua própria terra, eles se vendiam uns aos outros.

Isso é solene – que possamos ouvir isso e sermos advertidos. Mostra-nos que aqueles que haviam assumido uma posição correta estavam se comportando pior do que aqueles que ainda estavam em uma posição errada. Os Judeus em Jerusalém estavam em uma condição eclesiástica melhor, enquanto seus irmãos, ainda na Babilônia, estavam em uma condição moral mais pura.

Não seria isso um aviso? É mais uma ilustração do que frequentemente vemos em nós mesmos; mas é um aviso solene e que nos torna humildes.

Não que devamos voltar à Babilônia, abandonando Jerusalém; mas certamente devemos aprender que a mera ocupação de uma posição correta não será garantia de segurança. Podemos ser iludidos por uma acomodação moral, satisfeitos com nossa própria precisão eclesiástica. Este é um engano muito natural. **“O templo do SENHOR, templo do SENHOR é este”**, pode ser a linguagem de um povo na véspera do julgamento de Deus. Pode haver o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e, com tudo isso, o esquecimento das questões mais importantes da justiça, da bondade e da verdade.

Belo equilíbrio

Mas este capítulo também nos apresenta outra dessas combinações que brilham no caráter de Neemias. Permite-nos dizer que, embora houvesse nele uma bela simplicidade, havia também uma independência decidida. Sua simplicidade era

tamanha que, como uma criança, ele retornava ao lar e a Deus, enquanto trilhava um caminho de serviço após o outro. Contudo, havia nele aquela independência e firmeza que o levavam sempre a agir por si mesmo, no temor e na presença de Deus. Como aqui, ele nos conta que, ao ouvir falar das opressões entre irmãos, consultou a si mesmo antes de agir (v. 7). E, de fato, todas as suas ações anteriores demonstram essa mesma independência. Ele era um homem liberto do Cristo, e não um servo do homem; simples na presença de Deus e independente diante de seus semelhantes.

Essas são combinações excelentes, que realçam muito bem o caráter deste querido e honrado homem de Deus.

Segurança

Em Neemias 6, vemos Neemias novamente em conflito, mas trata-se de uma luta pessoal, individual; não, como em Neemias 4, organizando outros, colocando a espada em uma das mãos e a colher de pedreiro na outra, mas lutando sozinho, sem apoio, face a face com as artimanhas de seus inimigos. Ao longo deste capítulo, ele é submetido a diferentes tentações. De modo geral, vemos Neemias como um homem de coração puro, cujo corpo, portanto, está **“cheio de luz”**. Ele percebe o inimigo e está seguro. Mas, além disso, há certas seguranças especiais que é muito proveitoso considerarmos por um momento :

1. Ele destaca a importância do trabalho que estava realizando (v. 3).
2. Ele invoca a dignidade de sua própria pessoa (v. 11).

Esses são excelentes argumentos para qualquer santo de Deus usar diante do tentador. Creio que vejo o próprio Senhor usando-os e nos ensinando a usá-los também.

Em Marcos 3, Sua mãe e Seus irmãos vieram até Ele, e parecem ter a intenção de afastá-Lo daquilo que Ele estava fazendo; assim como os inimigos de Neemias tentaram fazer com ele neste capítulo. Mas o Senhor afirma a importância do que estava

fazendo naquele momento, diante dessa tentativa, ou em resposta às reivindicações que a carne e o sangue tinham sobre Ele. Ele estava ensinando Seus discípulos e a multidão, transmitindo-lhes a luz, a Palavra e a verdade de Deus. E o fruto de tal obra, como Ele de modo solene nos faz saber, era muito mais valioso do que todos os vínculos com Ele segundo a carne; e as exigências da Palavra de Deus, que Ele estava ministrando naquele momento, eram muito mais importantes do que as da natureza.

E, da mesma forma, Ele ensina aos Seus servos a reconhecerem a dignidade da sua obra. Ele lhes diz, enquanto a fazem, **“a ninguém saudeis pelo caminho”**, nem pararem para se despedir dos que estão em casa; nem se demorarem sequer no sepultamento de um pai (Lucas 9-10).

Mas, novamente em Lucas 13, os fariseus tentam fazê-Lo temer os homens, assim como Semaías tenta fazer com Neemias em Neemias 4:10. Mas o Senhor imediatamente Se eleva, na percepção de Sua dignidade, a dignidade da Sua Pessoa, e deixa claro aos fariseus que Ele estava à Sua própria disposição, podendo caminhar o quanto quisesse e terminar a Sua jornada quando quisesse. Os propósitos de Herodes eram vãos, exceto na medida em que Ele permitisse que tivessem seu curso. Assim também em João 11, quando os Seus discípulos tentaram impedi-Lo de ir à Judeia, onde recentemente Sua vida havia estado em perigo, Ele novamente Se eleva, da mesma forma, na percepção de Quem Ele era, consciente da Sua dignidade pessoal, e responde-lhes como que a partir dessa elevação (veja versículos 9-11).

O Espírito Santo, por meio do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 6, concederia coragem e força aos santos, partindo de um sentimento semelhante de elevação e honras que lhes pertenciam: **“Não sabeis vós”**, diz Paulo aos coríntios, **“que havemos de julgar os anjos?”** E ainda: **“e que não sois de vós**

mesmos? Porque fostes comprados por bom preço”, “ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo?”.

Armas divinas

Há algo muito excelente em tudo isso. Estas são, verdadeiramente, armas de guerra – armas de metal divino, celestial. Alcançar vitórias com tais armas é verdadeira conquista Cristã – quando as tentações podem ser enfrentadas e resistidas pela alma que carrega o senso da importância da obra para a qual Deus nos designou e da dignidade da pessoa que Deus nos fez ser. Que possamos tomar e usar essas armas, assim como admirá-las enquanto estão penduradas diante de nós no arsenal de Deus. É fácil, porém, inspecionar e justificar a aptidão de um instrumento para realizar a sua obra designada, e, ao mesmo tempo, ser fraco e inábil em usá-lo e em executar tal obra com ele. Permita-me acrescentar, em mais um elogio a este servo de Deus, o que alguém me sugeriu certa vez: embora o Livro que leva seu nome tenha sido escrito por ele mesmo e seja uma obra autobiográfica, ainda assim ele não nos revela nada sobre si mesmo além do que necessariamente decorre de sua ligação com o povo de Deus e de seu serviço a eles. Nada vemos dele em casa, nem quais eram as circunstâncias daquele lar. Não ficamos sabendo sua idade nem seu local de nascimento.

Podemos dizer que ele não se conhecia a si mesmo segundo a carne. Ele apresenta, de fato, um exemplo disso de coração puro e olhar simples.

Escuta Obediente -

Neemias 7-10

Aqui lemos: **“E era a cidade larga de espaço, e grande, porém pouco povo havia dentro dela; e ainda as casas não estavam edificadas”** (Ne 7:4). Tendo, portanto, construído os muros, Neemias se encarrega de povoar a cidade. Pois os muros não seriam nada, senão como defesa de um lugar habitado dentro deles.

Portanto, encontramos esse propósito em seu coração no início de Neemias 7 – e, conseqüentemente, ele se familiariza com os cativos que retornaram e lê o registro e o relato deles como eram nos dias de Zorobabel, o que serviria de guia para seu objetivo atual.

Contudo, antes de prosseguir com esse propósito e se dedicar a povoar a cidade, ele se desvia por um momento para considerar o próprio povo. E isso nos dá sua ação em Neemias 8-10, que pode ser chamada de ação entre parenteses – pois em Neemias 11 ele retoma o propósito que havia concebido em Neemias 7: isto é, o propósito de povoar a cidade.

Um processo moral

Isso confere um caráter peculiar e um interesse especial a esses três capítulos, onde encontramos o povo submetido a um processo moral de natureza verdadeiramente marcante. Neemias os observa pessoalmente, examina a alma e a condição moral deles, e deseja revigorá-los ou santificá-los antes de estabelecê-los em seus respectivos lugares.

Esta ação começa no primeiro dia do sétimo mês – um dia importante no calendário de Israel: a festa das trombetas, um dia de reavivamento após um longo período de interrupção, quando tudo estava estéril ou morto na terra. E esta ação, assim iniciada,

continua em etapas sucessivas, até o final de Neemias 10; conferindo assim, como já observei, aos capítulos 8 a 10, um lugar distinto no livro de Neemias e o caráter de um parêntese.

Portanto, devemos analisar esses capítulos com um pouco mais de atenção.

Este dia especial, o primeiro dia do sétimo mês, exigia, segundo a ordenança a seu respeito, uma santa convocação e o toque de trombetas – pois era o símbolo, como já disse, de um tempo de reavivamento após um longo período de morte e esterilidade (veja Levítico 23:23-25). Esta ordenança foi observada aqui em Neemias 8. Houve uma convocação do povo, mas algo a mais: o livro da lei foi lido em audiência e explicado ao povo. E, nesse momento, o povo chorou – com razão, pois esse é o propósito da aplicação da lei a um pecador: convencê-lo e fazê-lo exclamar: **“Miserável homem que eu sou!”**. Mas seus mestres, nessa ocasião, imediatamente reprimiram as lágrimas, porque aquele dia era **“consagrado ao Senhor”**. Era um tempo de alegria, como simbolizavam o toque de trombetas e a Lua nova, que então começava a caminhar novamente à luz do Sol. O povo foi, portanto, instruído a deixar que a alegria do Senhor fosse a sua força, a se alegrar e a enviar porções para outros. Tudo isso estava em perfeita harmonia com o dia e com as ordenanças pertinentes. A leitura da lei era um acréscimo, ou seja, não estava prescrita em Levítico 23. Ela conferia um tom mais rico e completo ao próprio dia, em seu caráter próprio e prescrito. O que foi acrescentado não entrava em conflito algum com o que havia sido ordenado – o que era voluntário não violava o que estava prescrito. E aqui eu diria que é exatamente isso que podemos esperar em um dia de reavivamento. Em tal tempo, a Palavra de Deus deve ser plenamente honrada. Ela deve ser o padrão. Mas haverá, necessariamente, coisas novas ou acrescentadas, conforme o caráter do tempo sugerir, sob a direção do Espírito de Deus,. Mas essas novidades, quaisquer que sejam, não ofenderão a Palavra de Deus. E essa é a situação aqui.

Ouvintes obedientes

Mas a Palavra de Deus, uma vez aberta, permanece aberta. Foi um dia, como diríamos, de “uma Bíblia aberta”. Misericórdia preciosa! E este Livro aberto, tendo revelado uma instrução, falando-lhes sobre os ritos do primeiro dia do sétimo mês, agora lhes revela outra instrução, falando-lhes sobre outros oito dias daquele mesmo mês, ou sobre a “festa dos tabernáculos”. E o povo, já imbuído do espírito de ouvintes obedientes à Palavra de Deus, celebra a festa de uma maneira que não se via há séculos.

Isso também foi belíssimo. Mas, novamente, notamos algo a mais.

Em Neemias 9, vemos a congregação dos filhos de Israel em humilhação, passando por um solene serviço de confissão; e então, em Neemias 10, entrando em uma aliança de obediência a Deus e de observância de Seus estatutos. Mas nada disso havia sido prescrito. Não encontramos menção a tal coisa na lei de Moisés. Levítico 23 não exigia que isso precedesse ou sucedesse a festa dos tabernáculos.

Aqui, porém, novamente precisamos observar algo. Essa solenidade não ocorreu até o vigésimo quarto dia deste mês, quando o tempo da festa dos tabernáculos havia terminado; pois ela terminou no vigésimo terceiro dia. E isso, eu digo, foi muito bonito. A congregação não macularia a festa com seu ato de humilhação e confissão, nem impediria seu propósito. Essa festa era o momento mais jubiloso do ano Judaico. Celebrava a colheita, ou “recolhimento da colheita”. Era o prenúncio dos dias de glória ou do reino. Todas as suas exigências seriam atendidas em sua plenitude. O vigésimo terceiro dia, o último dia, esse grande dia da festa, passaria antes que a linguagem da humilhação e a voz da tristeza penitencial fossem ouvidas. Mas então, com a permissão de Deus, o povo poderia realizar, como diríamos, uma “reunião de oração”.

Isso também foi voluntário ou adicional, como eu disse – não determinado pela Escritura, mas sugerido pelo Espírito de Deus,

pelo tempo e pelas circunstâncias que marcaram este reavivamento sob a liderança de Neemias. A confissão era a linguagem apropriada para um povo que se apresentava como representante de uma nação há muito rebelada, desobediente e culpada.

Aprender a fazer bem

“Cessai de fazer mal”, porém, deve ser seguido por **“aprendei a fazer bem”**. É muito correto, se temos feito o mal, começar confessando o mal antes de nos dedicarmos a fazer o bem. Mas fazer o que é certo é uma consequência natural da confissão do mal e de toda essa virtude moral que vemos aqui, ao passarmos do nono para o décimo capítulo.

Os nobres e todo o povo se reúnem como “irmãos”, separados do povo da terra (veja Neemias 10:29), e selam uma aliança para guardar as leis de Deus. É agradável ver aqui, como também quando construíam o muro em Neemias 3, como a hierarquia e a posição social se dissolvem na fraternidade comum. “Alegre-se o rico por ser humilhado, e o pobre por ser exaltado, pois a aparência deste mundo passa.” E a aliança que agora fazem e buscam cumprir ainda contém algo adicional ou não prescrito. Eles se comprometem a observar todos os mandamentos do Senhor, Seus estatutos e Seus juízos: não se casar com pessoas da terra; não profanar o sábado; trazer suas primícias, seus primogênitos e os dízimos de suas terras à casa do Senhor. E tudo isso está de acordo com a Palavra do Senhor. Eles também estabelecem estatutos para si mesmos, a serem cobrados anualmente na terça parte de um siclo para o serviço da casa de Deus; e lançam sortes para trazer lenha para o altar de Deus em tempos determinados.

Tudo isso permanece em doce e maravilhosa harmonia com todas as suas ações neste dia de feliz reavivamento. A Palavra de Deus é, repetidamente e em todos os momentos, honrada em todas as suas exigências. Acrescentam-se coisas em seus cultos

e atividades: coisas que a energia e a graça renovadas do tempo de reavivamento sugerem e que o Espírito Santo justifica.

Aqui termina esta ação entre parêntesis, como a chamei. É bela do princípio ao fim. O povo é conduzido por um processo gracioso: é instruído segundo a verdade pelo Espírito. É convencido de sua culpa e, em seguida, aliviado. Depois, recebe uma lição sobre as alegrias vindouras nos dias de glória. E assim instruído quanto à sua rica participação na graça de Deus, pode olhar para si mesmo, não com temor e em espírito de escravidão, mas com o devido quebrantamento de coração e com o propósito de servir a Deus no futuro. Tudo isso pode trazer à memória aquela declaração ou experiência proporcionada pelo Espírito Santo ao Israel arrependido nos últimos dias: **“Na verdade que, depois que me converti, tive arrependimento; e depois que fui instruído, bati na minha coxa; fiquei confuso, e também me envergonhei; porque suportei o opróbrio da minha mocidade”** (Jr 31:19).

O Efeito da Obediência -

Neemias 11-13

Estes capítulos testemunham o povo ainda fervoroso e obediente. O dia do reavivamento continua. O frescor da sua aurora não se dissipou em nada, embora aqui cheguemos a uma hora mais avançada do dia.

O capítulo 11 começa com uma dolorosa marca da degradação de Jerusalém. Ela é uma testemunha contra si mesma, mostrando que não está como o Senhor a quer nos dias da glória vindoura. Ela não é “desejada”, mas sim “abandonada”. As pessoas não se arrebanham a ela. Ela não pode olhar ao redor, como fará nos dias do reino, e se maravilhar com a multidão de seus filhos. Não é, ainda, motivo de orgulho para outros terem nascido nela; nem reconhecem que todas as suas fontes de vida estão nela. Ela ainda não disse que o lugar é estreito demais para ela, para a multidão daqueles que a preenchem. Certamente, essa não é a sua condição aqui neste capítulo. Ela está em dívida com qualquer um que consinta ou condescenda em habitar nela. Que testemunho de degradação! Que sinal, de fato, de que a restauração não era glória! Jerusalém ainda está pisoteada; os tempos dos gentios ainda não se cumpriram. Certamente a filha de Sião não se levantou, sacudiu-se do pó e revestiu-se da sua força e das suas belas vestes. (E que testemunho dá a Cristandade, de que a reforma não é glória!)

Dedicação

Contudo, ela precisa ser habitada; precisa ter seus cidadãos dentro de si. A terra precisa ter seu povo, pois o Messias em breve caminhará entre eles; a cidade precisa ter seus habitantes, pois seu Rei em breve lhe será oferecido. Portanto, este é o retorno da Babilônia, e por esta causa está o povoamento de Jerusalém.

Novamente, como vemos em Neemias 12, ela tem o seu muro. É justo que o muro seja dedicado. Festividades públicas haviam sido frequentemente celebradas em ocasiões semelhantes: no transporte da arca nos dias de Davi; na dedicação do templo nos dias de Salomão; na fundação da segunda casa no tempo de Zorobabel; e novamente, quando essa segunda casa foi concluída, assim aconteceu. E agora, neste dia, neste dia de Neemias, o povo se alegra novamente com a consagração do muro que agora estava concluído e circundava a cidade.

O que é o muro?

Mas, embora isso seja verdade, e tudo esteja correto até aqui e desta maneira, ainda assim pergunto eu: o que é este muro? Pergunto ainda: o que é senão mais uma testemunha da degradação de Jerusalém? Em seus dias vindouros de força e beleza, quando ela for a cidade do Reino, a metrópole do mundo, o santuário e o palácio do grande e divino Rei de Israel e da Terra, "salvação" será o seu muro. Deus então designará a salvação para muros e baluartes. O próprio Senhor, como seus montes, estará ao seu redor. Seus muros serão chamados Salvação, e suas portas, Louvor. A voz do Espírito em Zacarias, cujo eco dificilmente poderia ter se dissipado naquele momento, proferiu este belo oráculo: **"Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão de homens e animais que haverá nela. Pois Eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor, e Eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória"** (Zc 2:4-5 – ARA).

Quão infinita é a diferença! Jerusalém, sob o olhar de Neemias, carregando as marcas de sua vergonha; Jerusalém, como lemos dela nos profetas, testemunha do mais elevado destino em honra e excelência na Terra! Como um homem assim deve ter sentido tudo isso! E, no entanto, ele serve com zelo, destemor e paciência. Grande dignidade moral transparece nisso – um nobre espírito de devoção se manifesta. Ele trabalha, e trabalha nobremente, embora cercado por inimizades estrangeiras e pela degradação interna. Paulo, em 2 Timóteo, parece ser tal servo de

Cristo; e tal é Neemias neste seu livro. Deveríamos ter a mesma dignidade moral. A Cristandade que vemos ao nosso redor está tão distante da Igreja da qual lemos nas epístolas quanto a Jerusalém que Neemias contemplou era diferente da Jerusalém que lemos nos profetas. Mas ele serviu em meio a ela; e assim devemos servir nós, diante e no coração da Cristandade. Pois o espírito de serviço não mede o cenário do serviço, mas a vontade do Mestre. Tudo isso, porém, revela a natureza do momento. Israel foi restaurado, sua terra repovoada, sua cidade habitada novamente; mas este não é o reino. Os filhos de Israel ainda serão colocados à prova e ainda se purificarão a si mesmos; e o dia da graça, da salvação e da glória, o dia prometido do reino, ainda está distante. Mas a fé precisa ser exercitada, e a obediência precisa aprender e praticar sua lição.

Exercício doloroso

Assim, ao entrarmos em Neemias 13, encontramos o Livro de Deus ainda aberto entre o povo. Pois certamente um dia de avivamento é o dia de uma “Bíblia aberta”, como costumamos dizer. Mas agora eles têm uma nova lição para aprender.

Eles estão crescendo em conhecimento e familiaridade com os princípios divinos. É uma página completamente diferente do Livro que eles acabaram de virar. A Escritura, até então, lhes havia oferecido consolo; agora, lhes ofereceria paciência. Até então, havia tocado suas flautas, agora, estava prestes a lhes causar luto. A alegria da festa das trombetas, e a alegria ainda maior da festa dos tabernáculos, lhes haviam sido reveladas, e eles haviam respondido obedientemente. Eles haviam dançado ao som daquela flauta. Mas agora seriam dolorosamente exercitados pelo Livro. Eles leram que o moabita e o amonita nunca deveriam entrar na congregação do Senhor.

Isto foi terrível. Tudo, até então, havia sido eminentemente coletivo. Não apenas na alegria, como nos dias de festa, mas também no ato de confissão, pois haviam estado juntos. Os **“estrangeiros”** haviam sido removidos, mas a **“multidão mista”**

(TB) parecia não ter sido observada nem identificada. Mas agora, por ordem da palavra encontrada em Deuteronômio 23, esse severo corte deveria ser realizado; assim como, por ordem de Levítico 23, a alegria dos tabernáculos já havia sido celebrada.

Poder e obediência renovados

Isso foi ainda mais apropriado para testar o espírito de obediência neste bom dia de reavivamento. E a congregação respondeu à exigência da Palavra de Deus de forma muito abençoada. Pois lemos: **“Sucedeu, pois, que, ouvindo eles esta lei, apartaram de Israel todo o elemento misto [toda a multidão mista – TB]”**. Fazer o que a Escritura prescreveu – praticar os ensinamentos da Palavra, ensinar o serviço ou dever que lhes fosse designado, ou convocar para os sacrifícios que fossem necessários – era foi obediência de fato.

A iniquidade, porém, agora se encontra em lugares elevados, aparentemente mais elevados do que o povo poderia alcançar. Mas ela precisa ser alcançada até mesmo lá; pois um dia de despertar e de renovado poder vindo de Deus deve ser um dia de obediência. Durante todo esse tempo, um amonita havia estado na casa do Senhor. Isso foi além. Ele não estava apenas na congregação, como a multidão mista, mas na própria casa; e isso, ainda por meio das práticas do próprio sumo sacerdote. Neemias não estava em Jerusalém naquele momento. Mas, ao retornar, ele age contra essa abominação encontrada nos lugares elevados, assim como o próprio povo já havia agido, à sua maneira, contra a multidão mista. Pois Deuteronômio 23 será ouvido, mesmo que o mais alto servidor da Igreja tenha que ser repreendido. Eliasibe não era ninguém para Neemias, quando Moisés falou; pois um tem a autoridade de Deus sobre si, o outro deve tê-la sobre ele. Esta é uma palavra de admoestação para a Cristandade, se a Cristandade tivesse ouvidos para ouvir – aquela Cristandade que colocou seu próprio Eliasibe acima de Moisés, seus próprios oficiais acima da Escritura. Mas tal pessoa não era este homem fiel. **“A cadeira de Moisés”** era suprema para ele. A Escritura julga

a todos, enquanto ela não deve ser julgada por ninguém. Nem o sumo sacerdote em Israel, nem a presunção de antiguidade e sucessão, nem qualquer outra coisa na Cristandade, por mais atraente que seja, deve invalidar um jota ou til sequer da Escritura. O Livro, falando da parte de Deus, como sempre faz, e dirigindo-se a todas as circunstâncias, deve ser supremo. **“A Escritura não pode ser anulada”**; portanto, não é para ser contestada. Deus a cumprirá – nós devemos observá-la.

Tudo isso que encontramos em Neemias e na congregação neste último dia do Velho Testamento pode muito bem cativar os pensamentos dos santos em nossos dias.

Degradação moral

Em Neemias 11 e 12, vimos sinais de degradação em Jerusalém – e os vemos ainda em Neemias 13. O sábado foi profanado ali, e alianças com as filhas dos incircuncisos ainda eram encontradas. Isso é mais do que degradação nas circunstâncias – é degradação moral, senão abominação. A restauração do cativo e o repovoamento da cidade não lhe conferiram o direito de ser saudada, como será nos vindouros dias do reino com aquela voz que o Espírito preparou nos lábios de um mundo admirado e contemplativo: **“O SENHOR te abençoe, ó morada de justiça, ó monte de santidade!”** (Jr 31:23).

Mas, apesar de tudo isso, repito, vemos Neemias servindo. E isso é uma visão muito nobre. Não preciso dizer como o divino Mestre de todos os servos foi um exemplo perfeito disso, em Seu dia de serviço. Mas há uma grande dignidade moral nisso; busquemos exemplos dela em todos aqueles em quem pudermos encontrá-la.

A congregação, mantendo o Livro aberto, também é uma visão edificante: uma visão especialmente importante para nós contemplarmos. Eles não fizeram **“acepção de pessoas na aplicação da lei”** (Mt 23:2 – JND). Eles representam um povo que não desejava ter “textos negligenciados” nem “páginas não

viradas" no Livro de Deus. Nenhum som dele deveria se perder aos ouvidos, como se fosse ouvido à distância. Mas quem de nós, eu pergunto, está à altura deles nisso? Como somos propensos a escolher nossas lições em vez de viver de acordo com cada palavra que procede da boca de Deus! Não é assim? Posso amar a página que me fala da festa dos tabernáculos em sua alegria, e me deleitar com o som das trombetas no dia da Lua nova do sétimo mês, mas a palavra que me purificaria e me separaria de alianças injustificadas tem outra relação comigo e se dirige a mim com outro tom. Não escolho essa lição. É uma página do Livro que não estou disposto a olhar. Sinto-me tentado a dizer com o governador romano: **"Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei"**. A casa pode estar social demais, o coração pode estar à vontade demais para se disciplinar por meio de ordenanças como Deuteronômio 23:3.

Verdadeiramente, verdadeiramente podemos afirmar que toda esta Escritura, estes livros sobre os cativos que retornaram, este Esdras e este Neemias, são dignos da mais profunda atenção e plena admiração de nossa alma. Como o Espírito de Deus atuou nos eleitos naqueles dias? Como Ele, por meio do que registrou sobre eles, nos instrui nestes dias?

Além disso, como vimos, os tempos de Zorobabel, Esdras e Neemias foram tempos de reavivamento. Tais tempos já haviam ocorrido antes em Israel, como com Samuel, Davi, Josafá, Ezequias e Isaías. E tal tem ocorrido repetidamente ao longo da história do Cristianismo. E um período de reavivamento pode assumir uma forma que nós não esperamos, e talvez sem um precedente perfeito. É próprio da vida, por vezes, apresentar características exuberantes, operar fora e além de suas regras e medidas comuns. Ela se mostra mais autêntica quando age assim. Pois a vida é algo livre e possui uma força própria. Mas, ao mesmo tempo, devemos julgar cada expressão dela pela Palavra de Deus. **"À lei e ao testemunho"**: se algo não resiste a esse teste, não é o transbordamento de vida, por mais exaltado ou

exuberante que seja; deve ser rejeitado com todos os seus encantos.

"A quem tem, mais lhe será dado" A obediência a uma lição é o caminho seguro para a descoberta de outra lição. **"Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, conhecerá a respeito da doutrina"** (Jo 7:17 – ARA). Há uma tentação de recuar, com medo de que as lições que ainda temos a aprender se mostrem desagradáveis. **"O que aumenta em conhecimento, aumenta em dor"**. Existe, portanto, em alguns de nós, uma grande inclinação ou tentação de parar abruptamente. Mas isso é desobediência, assim como quebrar uma palavra lida e entendida. Fechar o Livro, por medo do que ele possa nos ensinar, é clara e inegável desobediência.

Os Dispersos Entre os Gentios -

Ester 1-2

Nos livros de Esdras e Neemias, sobre os quais já meditei, vimos os cativos sendo trazidos de volta a Jerusalém, para lá aguardarem a vinda do Messias, a fim de se saber se Israel aceitaria o Mensageiro e Salvador que Deus lhes enviaria. Neste livro de Ester, encontramos um cenário bem diferente. Os Judeus ainda estão entre os gentios.

Analisaremos o texto em sua sequência de dez capítulos; e na ação registrada encontraremos:

1. O Senhor Deus agindo maravilhosamente, mas secretamente.
2. Os próprios Judeus.
3. O gentio, ou o poder.
4. O grande adversário.

Poder arrogante

O livro começa apresentando-nos uma visão do gentio agora no poder. Trata-se, porém, do persa e não do caldeu – **“o peito... de prata”**, não **“a cabeça... de ouro”**, na grande estátua que Nabucodonosor viu. Aqui, lemos o segundo capítulo, e não o primeiro, da história da supremacia do gentio na Terra. Vemos o gentio no progresso de sua carreira e não no início dela; mas, moralmente, ele é o mesmo. Semelhante a Moabe, seu caráter permanece o mesmo, seu cheiro não se alterou. Toda a arrogância que se manifestou em Nabucodonosor reaparece em Assuero. Nenhum espírito ou fruto de arrependimento – nenhum aprendizado sobre si mesmo – ou sobre o que lhe convém como criatura é visto neste homem da Terra. A mentira da serpente, que moldou o homem no princípio, está operando com a mesma

intensidade de sempre. O antigo desejo de ser como Deus se manifesta agora no persa, assim como antes se manifestou no caldeu. Um deles construiu sua cidade real e a contemplou com orgulho, dizendo: **“Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a morada real, pela força do meu poder, e para a glória da minha majestade?”** O outro agora oferece um banquete e, por cento e oitenta dias, mostra aos príncipes e nobres todo o poder do seu reino: **“as riquezas do seu reino glorioso e a grandeza da sua excelente majestade”**.

Aliás, mais ainda; pois o persa vai além. Há uma ousada pretensão de ser como Deus na Pérsia, o que não vimos na Babilônia. Notamos isso em três ordenanças persas distintas:

1. Ninguém deveria comparecer perante o rei sem ser convidado. Caso essa ordenança do reino fosse violada, a vida e a morte dependeriam da vontade do rei.
2. Ninguém deveria estar triste diante do rei; seu rosto ou presença deveriam ser recebidos por todo o seu povo como a fonte e o poder da alegria e da felicidade.
3. Nenhum decreto de seu reino podia ser cancelado; ele permanecia válido para sempre.

Essas são, de fato, grandes suposições. Isso excede o limite, na maneira como o homem se apresenta como Deus; e não sabemos que esse espírito atuará até que o gentio complete a sua iniquidade? Mas a mão de Deus começa a operar Suas maravilhas agora, em meio a toda a festividade e orgulho que abrem o livro. A alegria do banquete real foi interrompida: uma mancha desfigura a bela forma de toda essa magnificência. A rainha gentia se recusa a servir à ocasião, ou a ser tributária deste dia de regozijo público; e isso leva à manifestação do Judeu e, em última análise, a tornar esse povo principal na ação e eminente na Terra, além de qualquer pensamento ou cálculo.

Deus usa pequenas coisas

Foi um começo pequeno, pobre e insignificante em seu caráter e material. O temperamento de Vasti, que a incitou a uma conduta que pôs fim à sua vida, foi o **“pequeno fogo”** que incendiou esse **“grande bosque”**. É uma circunstância miserável e desprezível. O que pode ser mais vil? O temperamento, podemos dizer, de uma mulher imperiosa! E, no entanto, Deus, por meio disso, opera resultados então conhecidos apenas em Seu conselho, mas cujo cumprimento será visto no vindouro dia da glória Judaica.

Vasti é deposta. Ela é destituída como esposa do persa, e outra mais digna deveria ser procurada para ocupar seu lugar.

Agora, surge a questão: até que ponto um Judeu pode se aproveitar de tal ocasião? A santidade se vale da corrupção? Pode o povo de Deus esquecer seu nazireado, sua separação para com Ele? E, no entanto, Ester consente em comparecer perante o rei naquele momento, acompanhada por todas as filhas de seus súditos incircuncisos!

Isso pode nos surpreender se julgarmos as coisas por uma luz menos pura e intensa do que aquela em que o próprio Deus habita. O senso moral do mero homem – o veredicto das ordenanças legais – a própria voz do Monte Sinai não bastará em certos momentos. Devemos andar na luz, assim como Deus está na luz. Devemos conhecer **“os tempos”**, como Issacar na antiguidade, antes de podermos dizer com razão: **“o que Israel devia fazer”** (1 Cr 12:32).

Porventura alguns habitantes de Belém de Judá não se casaram com filhas de Moabe, sem serem repreendidos? Não se desviou José, em seu casamento, da santidade de Abraão, e Moisés dos preceitos da lei? Não foi Raabe, embora filha de incircuncisos, adotada por Judá, e tão notável na linhagem, segundo a carne, do Senhor de Davi? E não tomou Sansão por esposa uma mulher de Timna, que pertencia aos filisteus?

O povo de Deus não estava em adequada ordem nas ocasiões daqueles estranhos eventos; e esta é a justificação moral. A luz da sabedoria divina na dispensação divina torna-se o juiz, em vez das ordenanças. Os Judeus estavam agora dispersos. José, se assim o desejarmos expressar, está novamente no Egito, Moisés em Midiã e os filhos de Belém de Judá em Moabe; e Ester é tão pouco repreendida por ter entrado diante do rei da Pérsia, assim como José por se casar com Asenate, Moisés por se casar com Zípora ou Malom por se casar com Rute; e todos eles permanecem sem reprovação ou julgamento diante de Deus nessas coisas, assim como Davi quando comeu os pães da proposição. Aliás, essas coisas vieram de Deus, assim como o casamento de Sansão com uma filisteia parece claramente ser assim reconhecido (Juízes 14:4).

Os desígnios divinos serão cumpridos; os frutos da graça serão colhidos; e as ordenanças da justiça e os arranjos que nos convêm, se estivermos em integridade e em boa ordem, não interferirão.

Orgulho e Excelência Moral -

Ester 3

O Judeu, por mais estranho que pareça, como vimos, torna-se importante para o poder, ou seja, para o persa. Mas, mais do que eu já mencionei, o Judeu é importante tanto para a sua segurança quanto para o seu bem-estar. Afinal Mardoqueu torna-se seu protetor, assim como Ester se tornou sua esposa. Vemos isso no final de Ester 2. O rei é devedor de ambos. Apesar de toda a sua grandeza e de todos os recursos de felicidade e força que a acompanham, ele é devedor dos dispersos de Judá. Eles são importantes para ele. Tanto o seu coração quanto a sua mente, por assim dizer, precisam reconhecer isso.

Mas, se o Judeu é assim estranhamente trazido à condição de pessoa favorecida e aceita, com igual estranheza o inimigo do Judeu é elevado a uma posição alta e honrosa, e colocado exatamente no cargo que lhe permitia satisfazer toda a sua inimizade. Um amalequita ocupa o segundo lugar em dignidade e poder, logo abaixo do rei.

Acima de todos os príncipes da nação, Hamã, o agagita, era o preferido; o motivo, não nos é dito. Nenhuma virtude ou serviço público é registrado a seu respeito. Aparentemente, foi simplesmente o beneplácito real que motivou isso. Ele era um estranho para a nação – um estranho distante; além disso, alguém de uma raça agora quase esquecida; poderíamos dizer, outrora distinta nos primórdios das nações, mas agora praticamente apagada das páginas da história, suplantada por outros muito mais nobres em sua postura do que ele jamais fora. Primeiro o assírio, depois o caldeu e agora o persa. E, no entanto, lá está ele diante de nós, um amalequita sentado ao lado de Assuero, o persa; em dignidade, cargo e poder, Hamã só é inferior a ele.

Reaparecimento repentino

É realmente estranho, podemos dizer. O grande inimigo de Israel, quando Israel estava no deserto, reaparece aqui com o mesmo caráter, neste dia em que Israel está disperso (veja Êxodo 17). É estranho, um amalequita encontrado tão próximo do trono da Pérsia! O coração do grande monarca daquela época se voltou para ele, colocando-o em condições de agir como o antigo amalequita, desafiando a Deus e demonstrando inimizade contra o Seu povo. Não poderíamos ter esperado tal coisa. O nome Amaleque deveria ser apagado de debaixo dos céus; e, desde os dias de Davi até agora, posso dizer, esse povo não havia sido visto. Mas agora eles reaparecem, mal sabemos como, e logo florescem e se fortalecem, como em um tempo de glória.

Isso, repito, é realmente estranho. Trata-se de alguém em quase ressurreição; de alguém cuja ferida mortal foi curada; de alguém **“que era e já não é, mas que virá”**.

Presságios da besta

O agagita se apresenta agora como representante do grande inimigo: o apóstata orgulhoso que resiste a Deus, ao Seu povo e aos Seus propósitos. Sempre houve um assim em cada época; e ele é o prenúncio daquele poderoso apóstata que há de cair no dia do Senhor. Ninrode, nos dias de Gênesis, o representa; Faraó, no Egito; Amaleque, no deserto; Abimeleque, no tempo dos juizes; e Absalão, no tempo dos reis; Hamã, aqui, no dia da dispersão; e Herodes, no Novo Testamento.

Exaltação do “eu”, orgulho incrédulo e desafio ao temor a Deus, com arraigada inimizade contra o Seu povo, são algumas, ou todas, as marcas em cada um deles. Assim como em uma forma plena de apostasia ousada e terrível, tal se manifestará na pessoa da besta que, com seus confederados, cairá na presença do Cavaleiro do cavalo branco, no dia do Senhor, ou no julgamento dos vivos. Profetas falaram de alguém como o rei que **“fará segundo a sua vontade”**; como a **“estrela da manhã (Lúcifer –**

JND), **filho da alva!**"; como **"o príncipe de Tiro"**, podemos dizer; como o insensato que diz em seu coração: **"Não há Deus"**, e outros. E o Apocalipse do apóstolo nos mostra esse alguém na figura de uma besta cuja imagem foi erguida para adoração e admiração de todo o mundo, e sua marca como um sinal na testa de cada homem; cuja ferida mortal foi curada; que era, e já não é, mas que virá.

Além disso, podemos notar que o propósito, assim como a pessoa do grande adversário, se manifesta neste grande Hamã. Ele precisa ter o sangue de todos os Judeus. Seu coração não se satisfará com a vida daquele que se recusou a lhe prestar reverência. Ele precisa da vida de toda a nação. Ele exala o espírito do inimigo de Israel, que em breve dirá: **"Vinde, e desarraigemo-los para que não sejam nação, nem haja mais memória do nome de Israel"** (Salmo 83). O amalequita e seu grupo lançaram a sorte, o Pur, apenas para determinar o dia em que esse ato de extermínio seria cometido. Mas, como sabemos, a sorte pode ser lançada **"no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão"** (Pv 16:33). E assim foi aqui. Onze longos meses, do décimo terceiro dia do primeiro mês ao décimo terceiro dia do décimo segundo mês – isto é, do dia em que a sorte foi lançada ao dia em que a sorte decidiu que o massacre da nação deveria ocorrer – são dados para que Deus amadureça os Seus propósitos tanto para com o Seu povo quanto para com os seus adversários.

Isso ressoa em nossos ouvidos com uma voz clara e forte. Não há fala nem linguagem, mas a voz é ouvida. Deus nem sequer é nomeado; mas é obra de Suas mãos e desígnio do Seu seio.

O decreto

Hamã não encontra resistência por parte do rei, seu senhor. Ele diz ao rei que há um povo disperso por seus domínios, que não lhe convém deixar viver, pois seus costumes são diferentes dos de todos os outros povos – o segredo da inimizade do mundo naquela época e ainda hoje (veja Atos 16:20-21). O decreto,

segundo o desejo de Hamã, sai de Susã, o palácio, e se espalha com toda a pressa por todas as partes do mundo: o domínio do grande **“peito... de prata”** persa. Toda a nação, como consequência disso, recebe sobre si a sentença de morte. O decreto teria alcançado tanto os cativos que retornaram quanto os dispersos. Judeia era apenas uma província do poder persa naquela época. Mas eles precisam aprender a confiar n'Aquele que vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem e que age neste mundo em poder de ressurreição. O remanescente de Israel deve aprender a trilhar os passos da fé de seu pai Abraão. É a fé que precisa ser exercitada; Pois o Senhor não Se revelará por um tempo, embora pense neles e os proteja sem Se manifestar.

Mardoqueu surge agora como o representante desse remanescente, o possuidor dessa fé semelhante à de Abraão nesta hora terrível.

A piedade deste homem querido e honrado começa a se manifestar em sua recusa em reverenciar o amalequita. O dever comum de adorar somente o Deus verdadeiro, o Deus de Israel, teria proibido isso. E será que um Judeu se curvaria diante de alguém daquela raça com quem o Deus dos Judeus já havia declarado guerra para todo o sempre? – curvar-se diante de alguém que, em vez de se curvar ao Senhor do céu e da Terra, se apresentou para insultar Sua presença e Sua majestade, sim, e para exterminar Seu povo diante de Sua face? Mardoqueu colocará sua vida em risco com essa recusa. Mas que assim seja. Ele está na mente de seus irmãos Sadraque, Mesaque e Abednego, que disseram a um Hamã anterior: **“Não necessitamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a Quem nós servimos, é que nos pode livrar; Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste”**.

Isso é verdadeiramente belo em sua origem, mas ainda mais belo em suas conexões. Pois a combinação constitui a excelência do caráter. Devemos nos portar **“varonilmente [como homens – JND]”**, e ainda assim que **“todas as vossas coisas sejam feitas com amor”**. N'Ele, em Quem estava toda glória moral, como ouvimos de outros, não havia *“nada saliente”* – tudo tão perfeitamente combinado. E em Mardoqueu vemos isso. Vemos **“bondade”** e, com ela, **“justiça”**. Ele era gracioso e terno, criando sua prima órfã como se fosse sua própria filha. Mas agora ele é fiel e inflexível. Ele se comportará como um homem agora, mesmo que antes tenha feito todas as coisas com amor. Ele não se curvará nem prestará reverência ao comando do rei, embora sua vida possa ser o preço.

Exercício da Alma - Ester 4-5

Os diversos exercícios da alma nestes capítulos, como vemos em Ester e Mardoqueu, são de grande interesse. A mão e o Espírito de Deus atuam juntos de maneira tão maravilhosa na história de Israel, como vemos nos Salmos e nos profetas: Sua mão moldando as suas circunstâncias; o Espírito, a sua mente. E essas duas coisas ocupam uma parte muito grande da palavra profética. E encontramos aqui ilustrações vivas e pessoais disso no exercício de coração pelo qual esses dois distintos santos de Deus são vistos passar e nas maravilhosas circunstâncias pelas quais são conduzidos.

Diante do decreto fatal, Mardoqueu jejua e lamenta, vestido de pano de saco. Mas, durante todo esse tempo, ele conta com o livramento. Tal combinação é repleta de glória moral. Elias deu um exemplo disso em seus dias, pois sabia que a chuva estava próxima; mas prostrou-se por terra e colocou o rosto entre os joelhos, como alguém em **"súplica fervorosa"** (1 Rs 18; Tg 5:16-18 – TB). O próprio Senhor dá outro exemplo disso. Ele sabe e testifica que está prestes a ressuscitar Lázaro do sono, o sono da morte; mas chora ao se aproximar do sepulcro. Assim também acontece com Mardoqueu. Ele não afasta seu luto. Recusa-se a ser consolado enquanto o decreto contra o seu povo está em vigor, embora conte, certamente conte, com o livramento deles de uma forma ou de outra. Esta é outra das combinações necessárias à formação do caráter ou à glória moral; um exemplo das quais já mencionei, neste **"verdadeiro israelita"**.

Força para os fracos

E Ester, tão bela em sua geração quanto um vaso mais frágil, pode precisar ser fortalecida por Mardoqueu, mas demonstra profunda compaixão pelos fardos de sua nação. Ela vê as

dificuldades e sente os perigos; e, por um tempo, fala a partir de suas circunstâncias. Não há nada de errado nisso. Ela conta a Mardoqueu sobre o risco que correria se comparecesse à presença real sem ser chamada. Não há nada de errado, repito, em falar assim, a partir de suas circunstâncias, embora possa haver fraqueza. Mas Mardoqueu a aconselha, como um vaso mais forte; e ele se mostra acima das circunstâncias e das afeições, na causa de Deus e de Seu povo. Ele envia uma mensagem decisiva a Ester, embora a amasse muito; e permanece calmo e de coração firme em meio a esses perigos. Ele se mantém acima das correntes das águas dessa maneira, no poder d'Aquele que pisou todas as ondas por nós. Não há fermento nem mel, por assim dizer, na oferta que ele está fazendo; ele não consulta carne e sangue, nem observa a braveza das águas. Sua fé está na vitória; e o vaso mais frágil é fortalecido por meio dele. Ester decide ir até o rei. Se ela perecer, perecerá; mas ela se sente edificada por arriscar tudo por seu povo. E, no entanto, embora ela não desmaie pela provação, também não a desprezará: pois ela terá Mardoqueu e seus irmãos esperando com um espírito humilde e dependente, para que ela receba misericórdia e seu caminho até a presença do rei prospere.

Assim, ao final do jejum, que haviam combinado por três dias, ela arrisca a própria vida e permanece no pátio interno do palácio real, enquanto o rei estava sentado em seu trono. Mas o coração dos reis está nas mãos do Senhor; e assim se comprova neste caso. Ester alcançou o favor de Assuero, que lhe estendeu o cetro de ouro.

Uma questão nas mãos de Deus

Isso era tudo. Isso revelava o desfecho de toda a questão. Tudo dependia do movimento do cetro de ouro. Era o Espírito de Deus, o conselho e a vontade divina, a soberania e a graça de Deus que ordenavam tudo isso. A nação já estava salva. O cetro havia decidido tudo em favor dos Judeus e para a confusão de seus adversários, por mais poderosos, numerosos e astutos que

fossem. Deus havia tomado a questão em Suas próprias mãos; e se Ele é por nós, quem será contra nós? **“Estarás longe da opressão”**, o Senhor estava agora falando para o seu Israel, **“porque já não temerás; e também do terror, porque não chegará a ti. Eis que seguramente poderão vir a juntar-se contra ti, mas não será por Mim; quem se ajuntar contra ti cairá por causa de ti. Eis que Eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo, e que produz a ferramenta para a sua obra; também criei o assolador, para destruir. Toda a ferramenta preparada contra ti não prosperará, e toda a língua que se levantar contra ti em juízo tu a condenarás”** (Is 54:14-17). Ester aproximou-se e tocou o cetro. Ela usou a graça que a visitara, mas usou-a com reverência, e o cetro foi fiel a si mesmo. Não despertou nenhuma esperança que não estivesse agora pronta para se concretizar. Já lhe havia falado de paz; e a paz, e muito mais do que paz, lhe seria concedida. **“Que é que queres, rainha Ester?”** Disse Assuero a ela: **“ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará”**.

Isto é muito bendito. O cetro, digamo-lo novamente, foi fiel a si mesmo. Que verdade é transmitida aqui! A promessa de Deus, a obra do Senhor Jesus, são como este cetro. Estas vieram antes – penhores sob a mão e da boca de nosso Deus – e a eternidade lhes será fiel; e eras intermináveis de glória, testemunhando a salvação, os confirmarão. Nada é grande demais para a redenção de tais penhores: como aqui, metade dos domínios do rei são colocados aos pés e à disposição de Ester.

Perfeita sabedoria do Espírito

Mas a forma como ela lida com a oportunidade, assim colocada em sua possessão, é um dos frutos mais excelentes e maravilhosos da luz e da energia do Espírito que vemos, em meio às muitas maravilhas deste livro, em toda a obra da grande mão de Deus.

Em vez de pedir metade do reino, em vez de desejar imediatamente a cabeça do grande amalequita, ela pede que o rei e Hamã venham a um banquete de vinho que ela havia

preparado para eles. Estranho, de fato! Quem poderia ter previsto tal aceitação de um tão ilimitado penhor e promessa? Isso nos faz lembrar a resposta do Mestre divino, d'Aquele que é **"a sabedoria de Deus"**, à mulher samaritana. Ela pediu a água viva, e Ele lhe disse para chamar seu marido! Estranho, ao que parece, além de qualquer explicação. Mas, como sabemos, era um raio da mais pura luz que emanava da Fonte da Luz. E assim, aqui, a resposta de Ester foi estranha, de fato. Mas veremos que foi nada menos que o testemunho da perfeita sabedoria do Espírito que a iluminava e guiava. Era o modo de conduzir o grande adversário à pleno amadurecimento de sua apostasia, para que ele atingisse aquela poderosa elevação em orgulho e autossatisfação, da qual a mão de Deus havia preparado desde o princípio para derrubá-lo. Ester, sob a influência do Espírito, lidava com Hamã, assim como a mão de Deus havia lidado com Faraó no Egito. O vaso da ira havia se preparado novamente para o juízo; e ele deveria cair do pináculo para o qual seus próprios desejos e o deus deste mundo o impulsionavam. Ester é o instrumento nas mãos de Deus para lhe dar a ocasião de, assim, completar a plena forma de sua apostasia. Ester se revela maravilhosamente no segredo de tudo isso. Ela convida Hamã e o rei, no segundo dia, assim como no primeiro – somente esses dois juntos; e quando isso aconteceu, alcançou-se a vertiginosa altura da qual o apóstata estava destinado a cair.

Ele não suporta tudo isso. É demais para ele. Seu coração está sobrecarregado; o orgulho satisfeito o encheu por completo. Ele não consegue se conter; mas a corrupção o leva pelo caminho da natureza – um triste veredito contra a natureza. Mas assim é. Era natural que ele expusesse todas as suas glórias à sua esposa e aos seus amigos. Carne e sangue podem apreciar isso; e o orgulho precisa ter tantos cortesãos e devotos quanto puder. E precisa também de suas vítimas. Mardoqueu ainda se recusa a se curvar; e uma forca de cinquenta côvados de altura é erguida para que ele seja enforcado nela.

Triunfo Repentino -

Ester 6-7

Toda coisa secreta precisa chegar ao seu dia de manifestação. A palavra que Mardoqueu contou ao rei sobre Teres e Bigtã, os eunucos, embora até então esquecida ou negligenciada, precisa agora ser lembrada. As lágrimas, os beijos e o nardo da pecadora amorosa em Lucas 7, e as correspondentes descortêsias do fariseu, passam em silêncio por um momento; mas tudo é trazido à luz antes que a cena se encerre. Porque nada há encoberto que não haja de ser manifesto. Deus não deixa nada passar despercebido. O ato de Mardoqueu não será esquecido para sempre. Ele será reconhecido, e isso, também, na própria face de seu grande adversário; assim como os atos de amor da pecadora foram todos lembrados aos ouvidos de seus acusadores (Lucas 7:36-50).

Na noite após o primeiro banquete da rainha Ester, Assuero teve uma noite sem sono. Pois, assim como Deus dá aos Seus amados o sono, também, por vezes, os mantém de olhos abertos, por meio dos pensamentos que lhes vêm à mente sobre a cama. Enviando instruções por meio de meditações noturnas, Ele trata do coração dos filhos dos homens. Assim foi aqui com o persa. O rei, sem sono, manda trazer os registros do reino, o repositório dos atos de Mardoqueu; e lá lê sobre o ato que havia ocorrido alguns anos antes. E, assim como é verdade acerca do homem que tudo quanto ele tem dará pela sua vida, assim agora o rei, ao descobrir de modo súbito e inesperado o ato de Mardoqueu, pelo qual sua vida fora preservada, não considera nada ser demasiado nobre ou honroso para ele.

Deus, invisível e atuante

Aqui, porém, podemos parar por um momento e considerar o maravilhoso entrelaçamento de circunstâncias que encontramos

nesta história. Há trama e subtrama, uma engrenagem dentro de outra, como se costuma dizer, uma circunstância ligada à outra; e cada uma e todas elas formadas para cooperar na realização das maravilhosas obras de Deus.

Nesta história, vemos o maravilhoso reaparecimento tanto do Judeu quanto do amalequita. Fenômenos realmente estranhos! Quem teria pensado nisso, como já disse antes? O Judeu e o amalequita se reproduziram nos distantes reinos da Pérsia, ocupando diversos lugares de favor e autoridade ao redor do trono ali! Então há o temperamento de Vasti e a beleza de Ester se encontrando no mesmo momento. Há o fato de Mardoqueu ter sido quem ouviu a conspiração contra a vida do rei. Há a sorte que define o dia do massacre de Israel, onze meses depois, para que haja tempo para que os conselhos amadureçam e as mudanças ocorram. Há o coração do rei comovido a ponto de estender o cetro de ouro a Ester. E então vemos a insônia do rei e seus pensamentos dirigidos aos registros das crônicas. E, novamente, vemos Hamã entrando no pátio do palácio neste momento peculiar.

Que entrelaçamento de trama e urdidura em tudo isso! Que entrecruzar de circunstâncias e a produção de uma curiosa textura de muitas cores! No entanto, como já vimos e dissemos, Deus permanece invisível e não mencionado durante todo esse tempo.

Muito bendito! Satisfeito com a obra de Sua própria mão e com os conselhos de Sua própria mente, o Senhor pode permanecer oculto por um tempo, sem ser proclamado, sem ser celebrado. E nós somos chamados, à nossa maneira, a algo semelhante a isso. Devemos provar nossa própria obra, ter regozijo somente em nós mesmos, e não em outrem, sem revelar nossos segredos ou buscar a atenção de nossos semelhantes. E verdadeiramente grandioso é isso: trabalhar sem ser visto, servir sem ser notado. Os profundos conselhos dessa sabedoria conhecem o fim desde o

princípio e a obra maravilhosa dessa mão que pode transformar até mesmo o coração dos reis como Lhe apraz.

O julgamento de Deus

Hamã cai. Costumamos dizer: *“Quem pode prever o que um dia trará?”* Vemos isso em sua história. Zeres e seus amigos têm que receber, antes do início do banquete do segundo dia, um Hamã diferente daquele que haviam saudado ao final do primeiro. Hamã cai, e cai de fato. Mas sobre isso precisamos nos demorar um pouco, para que tomemos conhecimento do caráter desse grande fato, tão importante para manifestar o juízo de Deus:

1. *A grandeza de Hamã foi permitida florescer e amadurecer de tal forma que ele pudesse cair na hora do seu maior orgulho e ousadia.*

Isso é muito instrutivo, pois esse tem sido o caminho de Deus, e continua sendo. Os construtores da Torre de Babel tiveram permissão para continuar seu trabalho até que a transformaram em uma maravilha. Nabucodonosor teve tempo para terminar sua grande cidade. A besta do Apocalipse prosperará até que o mundo inteiro se maravilhe com ela. Assim, Hamã é suportado até que se sente no pináculo. Então, no momento de maior orgulho, o juízo de Deus visita a todos eles. Herodes, como outro exemplo, foi ferido por Deus e morreu enquanto o povo o ouvia e dizia: **“É voz de um deus, e não de homem”** (ARA) (veja Salmo 37:34-36).

2. *Ele é apanhado na sua própria armadilha. A honra que Hamã preparou para si mesmo é dada a Mardoqueu; e na força que ele próprio preparou para Mardoqueu, nela ele mesmo é enforcado.*

Isso ainda nos ensina; pois este tem sido o caminho de Deus, e assim continuará sendo. Os acusadores de Daniel são lançados na cova que haviam preparado para ele. A chama do fogo matou aqueles homens que levaram os filhos do cativeiro para lançá-los na fornalha. E assim é predito sobre os adversários e apóstatas dos últimos dias na história deste mundo: **“trará sobre eles a sua própria iniquidade”** (Salmos 7, 9-10, 35, 57, 141 e assim por diante).

O próprio Satanás, que tem o poder da morte, é destruído por meio da morte.

3. Ele cai repentinamente.

Assim também com o último grande inimigo. O juízo de Deus será como um ladrão na noite, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente. **“Numa hora”**, diz-se da Babilônia apocalíptica, **“foi assolada”**. Os juízos sobre o mundo antes do dilúvio, e sobre as cidades da planície, também foram assim: **“como figuras”**, com esta queda do agagita, de um juízo ainda por ser executado.

4. Ele cai completamente: totalmente destruído.

Assim será com o grande inimigo e com o curso deste presente século juntamente com ele.

Os filhos de Judas eliminados (Salmo 109), os filhos de Edom despedaçados contra as pedras (Salmo 137), todos os filhos de Hamã enforcados depois dele – estes exemplos ilustram, para nosso aprendizado, a completa ruína e aniquilação de tudo o que agora causa escândalo; a remoção de tudo pela vassoura do juízo divino. A **“grande mó [pedra de moinho – ARA]”** de Apocalipse 18 nos diz isso, e profecia após profecia já o anunciava desde há muito tempo.

Repleta de significado típico em todos os seus aspectos, é a queda do grande amalequita. Vivemos num momento da história mundial que a torna especialmente significativa e instrutiva para nós. Dia após dia, vemos o Senhor permitir que os propósitos do mundo amadureçam: que gradualmente revelem suas maravilhosas e variadas atrações, e que todo o seu sistema avance, até que, como a torre de Babel de outrora, atraia novamente a visita penal de céu; e isso também, num instante, subitamente, para realizar completamente sua obra de julgamento, quando (bendito é mencionar isso!) nenhum vestígio do mundo do homem permanecerá: seu orgulho e devassidão, com todos os seus frutos, terão murchado e desaparecido. E

então resplandecerá um mundo tal como convém à presença do Senhor da glória.

Regozijo e Bênção Vindoura -

Ester 8-10

Encerramos o livro de Ester com a libertação dos Judeus no exato momento em que a destruição os aguardava, com a sua exaltação no reino e com a celebração de seu regozijo.

Misteriosa é a obra da mão de Deus! O amalequita, o grande adversário, é derrubado e totalmente eliminado no momento de sua mais orgulhosa exaltação. O Judeu, sua vítima pretendida e esperada, quando estava a um passo da morte, foi livrado e, então, favorecido e honrado, e assentado ao lado do trono em posição e autoridade!

Que história! Verdadeira em todas as suas circunstâncias; típica em todas elas também. É significativa para os últimos dias da história dos Judeus e da Terra, dos quais os profetas falaram repetidamente: a queda do homem da terra e a exaltação do povo de Deus em Seu próprio reino!

Mardoqueu, em vez de ainda permanecer à porta do rei, agora comparece perante ele e toma de seu dedo o anel, selo do ofício e da autoridade. Assim é transformado o Judeu no fim. Toda a Escritura nos prepara para isso; e aqui isso é ilustrado. Aqui terminam as escrituras históricas do Velho Testamento e aqui, como numa figura, termina a história da Terra.

Principais características da história de Israel

Posso afirmar que as principais características da história de Israel são estas, conforme lemos nos profetas:

1. O atual exílio dessa nação e o ocultamento da face divina dela; e, no entanto, sua preservação providencial em meio aos gentios.

2. A eleição atual de um remanescente entre eles, e o arrependimento final, que os conduz nacionalmente ao reino.
3. O julgamento de seus adversários e opressores, com a queda especial de seu grande inimigo incrédulo.
4. Sua libertação, exaltação e bênção nos dias do reino, com sua liderança sobre as nações.

Essas são algumas das grandes coisas dos profetas; e essas coisas são encontradas neste pequeno livro de Ester. Assim, posso dizer novamente, que esta última menção histórica do Velho Testamento ao povo de Israel promete e simboliza sua preservação presente durante toda esta era de supremacia gentia, e sua glória nos últimos dias, quando o julgamento de seus inimigos se cumprirá.

Autoridade real na Terra

Certos aspectos marcantes do vindouro reino milenar também são aqui demonstrados: o temor dos Judeus recai sobre seus inimigos, sobre aqueles que os cercam; e eles são impedidos de qualquer tentativa de lhes causar dano. Tal situação já havia sido vista nos dias de glória da nação, e isso é prometido pelos profetas como sua porção novamente. Susã, a capital do mundo gentio naquela época, se regozija com a exaltação do Judeu; como toda a Escritura nos diz, o mundo inteiro se regozijará sob a sombra do trono de Israel no tempo do reino vindouro. Muitos do povo da terra se tornaram Judeus, como lemos repetidamente nos profetas. Assim, por exemplo: **“Virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos Seus caminhos, e andemos nas Suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor”**. O trono que exaltou o Judeu e subjuguou seu opressor exerce domínio universal, impondo tributo sobre a terra e sobre as ilhas do mar; sabemos que, em breve, o

Rei em Sião **“dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra”**.

E aqui, permitam-me acrescentar, que Assuero representa o poder e a autoridade real na Terra. Ele ocupou o trono que era supremo entre as nações. Ele era **“o poder”** e representa misticamente, ou em uma sombra, o poder que estará num Cabeça divino no dia do reino. É assim, reconheço, que o poder nas mãos deste persa foi exercido primeiramente para o mal: servindo, como ele fez, aos planos malignos de Hamã, embora agora ele esteja exaltando os justos. Ainda assim, ele representa o poder e a autoridade real na Terra. Assim como Salomão em Jerusalém, ele praticou o mal pessoalmente, embora possa ter se arrependido; mas seus caminhos pessoais ainda eram maus, assim como bons. Mesmo assim, de uma maneira geral e figurativa, ele representava o poder e era uma sombra de Cristo no trono de glória – aquele trono que governará o mundo em justiça.

Tudo isso está repleto de misteriosa beleza e significado. Aqueles dias de Assuero e de Mardoqueu foram como os dias de Salomão e da profecia, os dias milenares vindouros – os dias do reino de Deus na Terra e entre as nações. Foram como os dias de José no Egito: Mardoqueu na Pérsia foi como José no Egito. O primeiro e o último dos livros históricos do Velho Testamento nos oferecem essas diversas, porém semelhantes, menções daquilo que ocorrerá no encerramento e julgamento dos reinos dos gentios.

A alegria do triunfo

Os dias de Purim celebram tudo isso. Eles representam o triunfo após a vitória, alegria do reino após seu estabelecimento. Os Judeus assumiram sobre si, segundo a palavra de Mardoqueu e de Ester, fazer dos dias 14 e 15 do décimo segundo mês, o mês de Adar, dias de festa e alegria, porque neles descansavam de seus inimigos, e seu pranto se transformava em alegria, luz e honra. Eram uma espécie de Páscoa, celebrando o livramento da terra da Pérsia, assim como aquela festa celebrava o livramento da

terra do Egito. Se preferirmos, Purim foi outro cântico no Mar Vermelho, ou outro cântico de Débora e Baraque sobre a queda do cananeu. E antecipa o cântico que ainda será cantado junto ao mar de vidro em Apocalipse 15.

Novamente digo, se assim o quisermos, é a alegria de Israel nos vindouros dias do reino, quando tirarão água das fontes da salvação (Isaías 12). De fato, os Salmos 124 e 126, preparados para os futuros dias de glória e alegria de Israel, respiram o próprio espírito que deve ter animado Israel nos dias de Mardoqueu e Ester. É belo observar tudo isso e ver essas antecipações se repetirem enquanto avançamos pelo caminho, aguardando o coro completo de harmonias eternas na presença da glória que virá em breve. A Igreja recém-nascida em Atos 4, nesse espírito, respira e profere o segundo Salmo, preparado para o dia em que o Rei de Deus Se assentará no monte Sião, após a derrota do inimigo e quando os reis da Terra aprenderem a se curvar diante d'Ele. O Deus bendito Se agrada de Suas próprias obras: **“Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas”**. Ele, portanto, preserva a obra de Suas mãos como seu Criador. Ele Se agrada dos conselhos de Sua graça e sabedoria. Ele, portanto, preservou até hoje a nação ou o povo dos Judeus, e os preservará até que o fruto de Seus conselhos se manifeste em Seu reino. Seu reino, assim, se erguerá sobre as ruínas e o julgamento das nações; e o mundo de Cristo, **“o mundo vindouro”**, brilhará em esplendor, pureza e bênção após este **“presente século [mundo – ARA] mau”** ser encerrado e desaparecer.

Indícios de uma bênção vindoura

Este reino vindouro, este mundo milenar, é mencionado pelos profetas em todas as formas de linguagem; mas também tem sido apresentado em todas as formas de exemplos, porções e amostras, em fragmentos da história desde o princípio. Aqui, vimos sua manifestação no final do livro de Ester. Ordenanças,

profecias e relatos históricos, cada um à sua maneira, têm desempenhado esse papel.

Antes que os santos antediluvianos passassem desta vida, o espírito da profecia falou por meio de Lameque e dirigiu-lhes uma palavra de promessa referente à Terra: que nela, no tempo devido, haveria consolo em vez de maldição (Gênesis 5).

Em Noé, assim como no novo mundo, vemos uma ilustração desta profecia de Lameque: pois após o julgamento do dilúvio, a Terra ressurgiu como numa nova forma ou em ressurreição, e uma promessa, um prenúncio dos dias milenares, está diante de nós.

A terra do Egito sob o governo de José é **“como uma verdadeira figura”**.

Segundo a lei, temos um vislumbre do mesmo repouso milenar no sábado semanal, na festa anual dos tabernáculos e no jubileu, a cada cinquenta anos.

Por um instante, nos dias de Josué, quando as tribos de Israel tinham entrado na terra, celebraram a Páscoa como um povo circuncidado e, então, comeram pães asmos feitos com o trigo da terra, vemos, de outra forma, o mesmo feliz mistério (Josué 5).

Depois disso, o reinado glorioso de Salomão, de forma mais extensa e rica, revela-nos o mesmo segredo.

E, de fato, eu poderia ter notado que o encontro de Jetro com o Israel resgatado no monte de Deus, nos dias do deserto, era (embora de forma diferente) o prenúncio do mesmo dia de glória vindouro (Êxodo 18).

E assim, agora, nos dias da dispersão, por assim dizer, temos o mesmo, como vemos no final do livro de Ester. Profecias sobre profecias acompanham essas ordenanças e essas histórias; de modo que atos e palavras, não apenas de muitos, mas de várias testemunhas, nos confirmam o reino que ainda está por ser estabelecido e a glória que ainda está por ser revelada. Estas são prefigurações dos grandes e magníficos desfechos dos conselhos

de Deus – daquele propósito que se manifestará na **“dispensação da plenitude dos tempos”**.

O Novo Testamento nos oferece ilustrações e promessas semelhantes. A transfiguração nos fala disso. A regeneração ou palingenésia¹ nos fala disso. A ação no Apocalipse primeiro prepara o terreno para isso; e então, no fim, resplandece diante de nós quando a cidade santa desce do céu trazendo consigo a glória de Deus, e quando as nações milenares caminharem na sua luz.

Assim, o final de Ester se encontra em companhia de coisas desde o princípio até o fim, e ao longo de todo o livro, por meio de todos os atos e ditos de Deus no progresso da história deste mundo. É maravilhoso. Que testemunho dos escritos que se encontram nas Escrituras! Que prova do respirar do mesmo Espírito em todas as suas partes! Como isso nos diz que **“conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas as Suas obras”**! Nós preenchemos o nosso lugar próprio e ocupamos o nosso momento próprio neste grande plano.

Conclusão - Ester 10:3

Tendo lido os livros de Esdras e Neemias separadamente, como a história dos cativos que retornaram, e o livro de Ester separadamente, como a história dos cativos dispersos, gostaríamos agora de meditar sobre eles juntos por alguns instantes. Eles nos apresentam, como podemos ver, dois grupos distintos de cativos, ou duas seções do povo Judeu. Ilustram diferentes aspectos do conselho e da sabedoria divina referentes a esse povo e ensinam lições muito importantes para nossa alma assimilar completamente.

Em cada uma dessas cenas, no meio de cada uma dessas seções do povo de Deus, temos, por assim dizer, uma plataforma separada erguida para a manifestação de várias ou distintas porções dos caminhos e da maneira como Deus trata com eles.

Os cativos que retornaram

Os cativos que retornaram são trazidos de volta para casa e deixados na terra para que possam ser testados novamente, pois testar o Seu povo, embora de maneiras diferentes, sempre foi o propósito de Deus desde o princípio. Israel já havia sido testado pelo dom do poder. Receberam uma terra fértil e boa, e foram conduzidos de força em força, até florescerem em um reino: um reino que atraiu os olhos dos reis da Terra e foi a admiração do mundo.

Mas eles haviam sido infiéis à sua mordomia. Havia abusado do poder que lhes fora confiado e rebelaram-se contra os direitos supremos d'Aquele que assim os havia estabelecido e ordenado como principais e centro governante na Terra. E, conseqüentemente, o poder, a supremacia na Terra ou a principal autoridade entre as nações, foi-lhes tirado e dado aos gentios.

Agora, porém, eles estão de volta ao lar. O cativeiro a que sua infidelidade os levou está terminado, e há uma parte do povo de volta à terra de seus pais novamente. Pois é propósito divino prová-los com outra prova. Deus está prestes a enviar o Messias a eles. Sua missão e ministério serão a misericórdia curadora, uma proposta da graça que traz salvação, para que se saiba se eles têm resposta aos apelos do amor, visto que já provaram que não foram fiéis Àquele que lhes confiou o poder.

É isso que lemos no relato do retorno de Israel (ou Judá) da Babilônia. Eles são Judeus novamente em sua própria terra. Consequentemente, assim que retornam para casa, comportam-se como Judeus. Guardam os preceitos – erguem o altar nacional – reconstroem o templo – mantêm-se separados dos gentios – leem as Escrituras – observam o caminho do Deus de Israel, na medida em que a submissão ao poder nas mãos dos gentios o permite. O Deus de Israel os reconhece, os abençoa e os protege. Ele pode exercitá-los na fé e na paciência, mas ainda assim Ele está com eles. Como antigamente, Ele lhes dá líderes, libertadores e mestres; envia-lhes Seus profetas, concede-lhes dias de reavivamento – os dias da lua nova no sétimo mês.

De fato, sabemos tudo isso. Isso foi uma espécie de reforma em sua história religiosa. Depois disso, eles não praticaram idolatria. Mas outras corrupções rapidamente se instalaram e se intensificaram, como mostram não apenas os livros de Esdras e Neemias, mas, principalmente, a profecia de Malaquias. E a abertura das Escrituras do Novo Testamento confirma isso, pois o Evangelho de Mateus nos permite ver clara e plenamente que os cativos que retornaram eram profundamente incrédulos: tão infiéis às doutrinas e propostas de bondade quanto seus pais haviam sido à administração do poder. **“Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam”**. (Aqui, permitam-me sugerir o que acredito ser verdade, mas não o ensinaria com autoridade: que, entre as testemunhas da bondade que Deus deixou entre os cativos que retornaram, e que foram tantos prenúncios ou penhores de um Messias vindo em graça, está o tanque de

Betesda. Foi, de fato, um testemunho extraordinário de “Deus, o Curador”).

Graça para todo o mundo

De fato, assim é. Quando Israel foi infiel ao poder que Deus lhe deu, o poder foi entregue aos gentios. Assim também agora, visto que eles são infiéis à graça, a graça é dada a todo o mundo. Pois o evangelho é pregado e a salvação de Deus é apresentada aos olhos dos confins da Terra. E surpreendentemente consistente e belo é esse progresso nos caminhos da sabedoria divina, ou das dispensações de Deus. Toda provação termina em fracasso, e Deus deve agir por nós e não conosco. Esta nova provação, pelo ministério do Messias, apenas prova, como pela boca de outra testemunha, que o homem é incorrigível e incurável. Todo esforço para fazer algo dele, ou para fazer algo com ele, leva-o apenas a mais uma exposição de si mesmo, até que fique nu para sua vergonha. O reino não é alcançado por uma criatura provada, mesmo que a graça a tenha provado. O julgamento, como de **“prata rejeitada”**, é o resultado do processo. **“Já o fole se queimou, o chumbo se consumiu com o fogo; em vão fundiu o fundidor tão diligentemente”**.

Sim, de fato, o homem precisa ser salvo pela graça, e não meramente provado por ela. O primeiro advento do Messias, ou a proposta de salvação, não conduziu Israel ao reino: isso os deixou sendo um povo julgado, disperso e despojado, não salvo e sem a bênção – condenado com uma convicção mais plena do que nunca.

O povo disperso

Mas agora, vamos nos voltar para outro cenário. Devemos considerar outra parte do povo: os dispersos, e não os que retornaram. Pois neles se ergue outra plataforma, como ainda posso dizer, para ilustrar o caminho de Deus. Veremos neles os penhores e as testemunhas, não de um povo provado, mas de um povo salvo – salvo pela graça soberana e conduzido ao reino.

Este povo não aproveitou a oportunidade que teve de voltar para casa. Isso é um testemunho permanente contra eles. Permaneceram entre os incircuncisos. Representaram o papel do corvo na arca de Noé. Pareciam ter se envolvido com o mundo impuro. São como gentios, podemos dizer; não vemos festas, ordenanças ou a Palavra de Deus entre eles. Mas reconheço que ainda são Judeus. E a graça transborda para com eles. No meio dos gentios, eles ainda são mantidos vivos – outra sarça ardente que não se consome. Jeová não é visto como reconhecendo-os, como reconheceu seus irmãos que retornaram a Jerusalém. Mesmo assim, Ele tem os Seus olhos sobre eles, e eles são mantidos vivos; e isso, também, até que chegue o tempo devido para que Ele Se levante e os trate da maneira que todos os Seus profetas anunciaram.

Tudo isso vemos em Ester, aquele livro maravilhoso que encerra o volume histórico do Velho Testamento.

Um remanescente é visto ali. Deus trata com eles maravilhosamente, tanto por Sua mão quanto pelo Seu Espírito; mas Ele permanece não manifesto. Vimos isso ao meditar sobre Ester. E traçamos ainda mais o caminho de Deus com Israel em todas as eras de sua história em que eles se encontravam em um estado informal e anômalo: como exemplificado no casamento de José com uma egípcia, de Moisés com uma filha de Midiã, e outros semelhantes, e o casamento de Ester com Assuero, o persa. Pois esse era o caminho do próprio Deus com eles quando Lhe eram infiéis; Ele Se voltava para outros. Primeiro o poder, como vimos, e agora a graça e a salvação foram transferidas para outros, visto que Israel era desobediente e relutante. Quão consistente tudo isso é! Que constância, perfeição e unidade há nos caminhos de Sua santa sabedoria! Os irmãos de José lhe foram infiéis e o expulsaram. Ele se casou e tornou-se importante no Egito. Os irmãos de Moisés lhe foram infiéis e o forçaram a partir; ele se casou e foi feliz em Midiã. O povo de Jeová foi infiel a Ele, e Ele deu poder aos gentios. Os Seus foram infiéis ao Messias,

rejeitando-O e não O recebendo; e agora Ele concede graça e salvação para o mundo todo.

Certamente o Senhor conhece o fim desde o princípio.
Certamente o Seu caminho está diante d'Ele.

*“Sua sabedoria sempre desperta,
Sua visão jamais se turva,
Ele conhece o caminho que trilha
E eu caminharei com Ele.”*

Oh, que eu tenha a graça de dizer e fazer isso! E de caminhar com Ele também, pelo caminho da Sua sabedoria e pelos desígnios das Suas dispensações. De glória em glória, para **“andarmos na luz, como Ele na luz está”**.

E novas maravilhas ainda se revelam para nós nessas duas plataformas: na história dos que retornaram e na história dos que se dispersaram.

Como já observei, Malaquias começa a anunciar qual será o fim dos cativos que retornaram ou que foram postos à prova. Todos falharão, como todos têm falhado. As Escrituras do Novo Testamento confirmam aquilo que Malaquias anunciava. Os evangelistas confirmam as indicações e avisos dos profetas. Mas Ester nos revela o que acontecerá com a dispersão, ou com a porção que permaneceu entre os gentios. Eles serão finalmente acolhidos pela graça soberana, conduzidos através da **“grande tribulação”** e, por esse caminho, serão introduzidos no reino. Nessa história, ou nessa plataforma, vemos a nação Judaica levada à beira da destruição total, resgatada pela mão milagrosa de Deus e, então, assentada nos elevados lugares de honra, influência e autoridade pelo Poder que governa a Terra – todos os seus inimigos julgados e eliminados, ou buscando o seu favor e bênção. (A grande tribulação, **“o tempo da angústia de Jacó”**, da qual falam os profetas, encontrará os Judeus em casa, em sua própria terra, embora agora estejam dispersos como nos dias de

Ester. Mas isso não importa. Como nação, eles passarão para o reino através da tribulação.)

O homem exposto e Deus manifestado

Nesses livros, ou nessas duas cenas de ação variada, estão os segredos que nos ensinam. O homem é testado e falha; o pecador é acolhido pela graça e salvo.

E estes são os segredos que nos foram destinados a aprender desde o princípio; e estamos destinados, abençoadamente destinados, a celebrá-los para sempre. O homem é exposto – Deus é manifestado. O homem é deixado completamente nu para sua vergonha – Deus é exaltado na mais elevada ordem de exaltação e manifestado na mais resplandecente luz de glória. Assim foi na história de Adão, logo no princípio. Ele foi provado e, sob a prova, falhou e arruinou a si mesmo. Então, foi acolhido pela graça e salvo pela morte e ressurreição de Cristo – pela fé na semente da mulher, ferida e que fere.

Assim foi novamente em Israel. Israel foi submetido à lei, mas a sombra dos bens futuros acompanhava a lei. Sob sua própria aliança, sob a lei, Israel, como Adão, foi arruinado. Mas Deus age em meio ao povo autodestruído, à ruína que ele mesmo causou; e por meio de ordenanças, profecias e promessas de muitos tipos, Ele sempre tem falado a eles da graça final e da salvação.

E agora, da mesma forma, o evangelho nos expõe completamente, mas nos salva plena, presente, perfeita e eternamente. E por todas as eras de glória, será proclamado que somos um povo lavado, um povo redimido, que deve tudo à graça e à redenção, embora glorificado para sempre.

Essas duas plataformas – a cena no meio dos cativos que retornaram e a cena no meio dos cativos dispersos – estão em companhia com todo o caminho divino desde o princípio, e com aquilo que deve ser lembrado e celebrado para sempre. Apenas nos maravilhamos, mais uma vez, com este novo testemunho do

caminho de Deus, Seu caminho necessário e perfeito num mundo como este.

O caminho do Senhor

Quão completo tudo isso torna o volume divino e histórico do Velho Testamento! Esse volume termina aqui; e estamos muito satisfeitos de tê-lo assim.

O modo como o próprio Senhor age neste livro é especialmente maravilhoso. Aparentemente, Ele é negligente com o Seu povo. Ele permanece em silêncio para com eles. Ele não Se revela, e não há milagres. O Seu povo, mesmo em todos os exercícios do seu coração sob as circunstâncias mais difíceis, jamais O menciona.

Certamente, isto é maravilhoso. Mas é também admirável tanto como é maravilhoso. É perfeito em seu lugar e tempo. Pois, durante esta era gentia atual, Deus está separado de Israel, assim como José no Egito e Moisés em Midiã estavam separados de seus irmãos, como já mencionei – como muitas vozes dos profetas anteciparam. (veja Salmo 74; Isaías 8:17; 18:4; 45:15; Oséias 5:15; e assim por diante.) E o Senhor Jesus, falando como o Deus de Israel no final de Seu ministério, diz a eles: **“Eis que a vossa casa vos é deixada deserta; Porque Eu vos digo que desde agora Me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor”** (Mt 23:38-39)!

Mas Ele Se importa com eles. Seus nomes estão na palma de Suas mãos. Ele não revoga o julgamento; mas, no tempo devido, despertará para livrá-los. É Jesus dormindo no barco, sacudido pelos ventos e ondas. Mas, no momento preciso, Ele despertou e Se levantou para aquietar tudo aquilo que, crescendo em angústia, se enfurecia contra eles.

*“Salve o Ungido do Senhor,
O Grande “maior Filho de Davi”!
Quando chegar o tempo determinado,
Os anos acabarem seu curso,*

*Ele virá para quebrar a opressão,
Libertar o cativo,
Eliminar a transgressão
E governar com justiça."*

J. G. Bellett

Notas

[←1]

N. do T.: O significado literal da palavra grega, παλιγγενεσία (palingenesia), é "Gênesis novamente". A velha criação passou e a nova criação foi estabelecida com base na redenção consumada. *Things New and Old*: Vol 21. A Palingenésia, ou Regeneração, de Mateus 19:28, é um estado ou condição já alcançado. A lavagem da Palingenésia, ou Regeneração, de Tito 3:5, indica o ato ou processo pelo qual um novo estado ou condição é alcançado; aquela operação espiritual que renova, recria ou regenera um pecador. *Present Testimony*: Vol 14, 1865.